Director e administrador - ADOLPHO DE MENDONÇA - Editor-proprietario

TYPOGRAPHIA

RUA DO CORPO SANTO, 46, 48 — LISBOA

Bernardino Machado

O excepcional prestigio, que cerca o nome de Bernardino Machado, e geralmente o impõe á admiração e estima publica, resulta não só da circumstancia primaria da integridade moral do seu caracter e da inalteravel linha da sua vida, realçada por uma constante dedicação civica, como tambem da sua elevada capacidade intellectual e valioso trabalho scientifico.

Escriptor facil e vernaculo, dispondo de largos recursos litterarios, e orador de uma verdadeira correcção academica, a sua propaganda, pelo livro e pela palavra em prol do desenvolvimento da instrucção e da educação nacional, foi, sem duvida, uma das mais proficuas e efficazes. E para apreciar o seu merito e a sua sciencia de pedagogista basta ler as paginas delicadas do bello livro *Notas de um Pae,* em que se revela uma tão espontanea intuição da psychologia infantil que só o carinho intelligente e amoroso da direcção dos proprios filhos poderia suscitar.

Na regencia da sua cadeira da Faculdade de Philosophia da Universidade, — que tão nobre e desinteressadamente abandonou, quando a coherencia dos seus actos com as suas palavras lhe indicou tal caminho, — prestou ainda o dr. Bernardino Machado re-

levantes e benemeritos serviços, principalmente incitando varias camadas de estudantes ao estudo anthropologico do povo portuguez e, á fundação da Sociedade de Anthropologia de Coimbra, da qual tanto cumpre esperar.

Não admira, pois, que o Dr. Bernardino Machado, com taes qualidades predominantes, realize o typo caracteristico, no nosso meio, d'aquelles individuos raros e superiores, que o grande philosopho e economista Le Play tão propositadamente designava com o titulo de — Auctoridades sociaes.

O eloquente

(HISTORIA SAGRADA)

MADRUGADA. A vida nocturna das ruas, artificial, insalubre, tem a essa hora o cabecear irresistivel de fadiga, em que se mergulha inertemente no somno; tem-se feito o silencio universal, um aniquilamento de mundo; deixou de se ouvir o rodar noctambulo das carruagens; — dentro de cinco minutos vae-se ouvir o grito da primeira andorinha, uma frescura ideal de musica na ideal frescura do ar.

Compasso de repouso. Pode-se escutar o silencio, pesado, quasi concreto. Anda nos longes, tenuissimo, imponderavel, como que um derramamento de vapores n'uma exhalação de aromas: — o alvorecer, frouxo, faria pensar que a alvura de uma simples gotta de leite se tinha dissolvido e alastrado a toda a largura do oriente.

Mas então, um murmurinho canta no ambiente a surdina mysteriosa das seivas e da terra que entra em faina de crear. No diluculo alvacento, espalha-se o rumor de uma paizagem que desperta para o seu dia, com hesitações adoraveis. Nos seus ninhos, aves que acordam e espreguiçam as azas fazem balouçar

a arvore em que pousam: — o solavanco dado por um passarito a um castanheiro! .. — e solta-se no espaço um *tring-ling* musical de gottas de orvalho respingando nas folhagens. Uma folha de acacia, morta pela noite adeante nos braços da mãe, cae ao romper do dia sobre a terra, que tem até aos confins do horizonte um cambalear de touro amalhoado: — o desabamento de um mundo!... — e como que no ar se sente diluir em pallidas vibrações a penumbra doce de um formidavel mugido.

*
* *

Então, Bebé, tranquillamente, madrugador e são como um raio de sol, acorda, ao arrulhar amoroso de uma rola no beiral, lá fóra, cantando o seu amor ao ceu que principia a alaranjar-se. E escuta, com os grandes olhos muito abertos, pretos e humidos, de costas, immovel. Defronte, na intersecção dos cortinados da janella, a gaiola azul e branca do seu pintasilgo pende como uma esphera armillar, invertida: — o passarito dorme no seu poleiro, com a cabeça encolhida nas azas. E Bébé olha, interessado profundamente n'aquelle espectaculo que dorme,—que dorme emquanto elle vela.— N'esse momento, uma faisca em que reluzem ao mesmo tempo o oiro, a rosa e a prata, incendeia um canto da janella; e o pintasilgo, acordado, espreguiça alternadamente cada uma das azas, empoleirado n'um pé só.

Bébé sente-se acompanhado, n'aquella alcova em que até ahi elle velara sósinho, entre duas respira-

ções que lhe bafejavam as faces. O seu peito, que ainda não faz vulto nas roupas, solta um suspiro de allivio: — o seu pintasilgo é como que o seu protector, um irmão mais velho.

E brandamente, sem mover o corpo, volta a cabeça para a direita. O seu olhar sorri, a sua bocca sorri. Diz comsigo: — «*Eis a mamã!...*» — Balbucia, baixinho, muito baixinho, em segredo:

— «Mamã!»

Não sabe ainda outra palavra: repete-a sem descanço. Mas no seu pequenino cerebro de nove mezes, fuzila de repente o clarão de uma idéa; e volta a cabeça para o outro lado. Toda a sua physionomia toma um ar grave, attencioso:—«*Eis o...*»—Eis, quem? Ah! Bébé não sabe dizel-o, e Bébé soffre, soffre de o não saber...

Volta o corpo todo, com um esforço para não fazer estremecer o leito: — seria o desabamento de um mundo!... Olha, cheio de uma reflexão que lhe põe um vinco na texta e uma contracção nos labios. Sente-se tomado de uma immensa affeição orgulhosa por aquella forte creatura de grandes bigodes, que todos os dias o beija e lhe sorri, que todos os dias lhe falla com umas entonações de voz enternecida que não são as suas entonações habituaes, e a quem elle sorri, apenas... Quereria fallar-lhe, tambem, dizer-lhe alguma palavra como *mamã*,—essa palavra que dos seus labios era sempre festejada com clamores jubilosos. E não sabe! Bébé não sabe! Estende, de mansinho, uma das mãositas, que pára a meio caminho: — ia, n'uma tentação inconsciente, passal-a com

mimo por aquella face de homem. Os seus olhos accusam de repente, no silencio atravessado por um raio de aurora, uma dilatação triumphal. Recorda-se. Como que um echo longiquo retine na sua memoria. E balbucia, baixinho, muito baixinho, em segredo:

— «Pa...»

Mas os seus labios atraiçoam a sua vontade: — não se solta d'elles senão aquella syllaba muda, que Bébé adivinha fria, inexpressiva, inerte, — como um beijo dado sem gosto. O seu triumpho, a sua victoria, cae n'um desalento de vencido. Sente-se consternado; e n'uma tamanha impotencia os seus beicitos afilam-se para chorar, as suas palpebras teem uma titilação de lagrimas. Comtudo, Bébé reage: quer acabar, quer acabar de se recordar...

E volta de novo á sua immobilidade, á sua embevecida reflexão, perante aquelle rosto que dorme na sua frente, e que elle tantas vezes vira sorrir-lhe. Faz-se no seu cerebro infantil um trabalho cyclopico de noções vagas, que forjam á força de braço, resfolegando e suando, — uma idéa. Bébé vae descobrir, n'um rasgo de genio, a incognita d'aquelle problema formidavel. As suas pupillas, os seus labios, toda a sua physionomia, — exprimem a concentração da energia n'uma vontade fixa, a gestação sagrada do ideal. Repete, baixinho, muito baixinho, em segredo, como para estabelecer uma concatenação de termos:

— «Pa...».

Oh, sim! apezar de toda a sua mudez, aquella é a primeira nota d'essa musica que Bébé sente cantar

n'um desvão da sua memoria, muito ao longe, como a canção esvaida que se reflecte desde a infancia no cerebro de um velho, atravez dos annos que a desbotaram. Bébé redobra de concentração: — quasi poderia colher-se, á flôr da sua fronte tão limpida como um alabastro, a vibração de uma corda aprisionada de harpa. E repete, baixinho, muito baixinho, em segredo:

— «Pa...».

Triumpha, subitamente, com um grito:

— «Papá!...».

Em todos os tons, cantantes, n'um escandalo que faz esvoaçar o pintasilgo surprehendido, Bébé repete:

— «Papá! papá! papá!...».

*

* *

E papá accorda, subitamente, áquelle clamor delicioso, que se funde no sol emfim radiante; — Bébé tem-se-lhe abraçado ao pescoço. Como papá é feliz, despertando em pleno sonho de rosas! Ha beijos nos seus labios, um ennevoamento de lagrimas alegres nos seus olhos, — como se aquella palavra — *«papá, papá, papá...»* — cunhasse no oiro fino da sua musica todo o amor e toda a vida da sua alma...

EDUARDO DE BARROS LOBO.

Os cinco sentidos

São bellas, bem o sei, essas estrellas,
Mil cores divinaes tem essas flores;
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas;
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Se não a ti, a ti!

Divina, ai! sim, será a voz que afina
Saudosa, na ramagem densa, umbrosa,
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a melodia,
Nem sinto outra harmonia
Se não a ti, a ti!

Respira, n'aura que entre as flores gira,
Celeste incenso de perfume agreste,
Sei...não sinto: minha alma não aspira,
Não percebe, não toma
Se não o doce aroma
Que vem de ti, de ti!

Formosos são os pomos saborosos,
E' um mimo de nectar o racimo;
E eu tenho fome e sêde...sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão...mas é de beijos,
E' só de ti, de ti!

Macia deve a relva luzidia
Do leito ser, por certo, em que me deito;
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras caricias,
Tocar noutras delicias
Se não em ti, em ti!

A ti! ai, a ti os meus sentidos
Todos num confundidos,
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti deliram.
Em ti, a minha sorte
A minha vida em ti;
E quando venha a morte
Será morrer por ti.

Não és tu!

—

Era assim, tinha esse olhar,
A mesma graça, o mesmo ar,
Córava da mesma côr,
Aquella visão que eu vi
Quando eu sonhava de amor,
Quando em sonhos me perdi.

Toda assim; o porte altivo,
O semblante pensativo,
E uma suave tristeza
Que por toda ella descia,
Como um véo que lhe envolvia,
Que lhe adoçava a belleza.

Era assim; o seu falar,
Ingenuo e quasi vulgar,
Tinha o poder da razão
Que penetra, não seduz;
Não era fogo, era luz
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,
No seio o mesmo perfume,
Um cheiro a rosas celestes,
Rosas brancas, puras, finas,
Viçosas como boninas,
Singelas sem ser agrestes.

Mas não és tu... ai! não és:
Toda a illusão se desfez.
Não és aquella que eu vi,
Não és a mesma visão,
Que essa tinha coração,
Tinha, que eu bem lho senti.

Destino

Quem disse á estrella o caminho
Que ella ha de seguir no céo?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprendeu?
Quem diz á planta: florece!
E ao mudo verme que tece
Sua mortalha de seda,
Os fios quem lhos enreda?

Ensinou alguem á abelha,
Que no prado anda a zumbir,
Se á flôr branca ou á vermelha
O seu mel ha de ir pedir?
Que eras tu meu ser, queridá,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem...
Ai! não m'o disse ninguem.

Como a abelha corre ao prado,
Como no céo gira a estrella,
Como a todo o ente o seu fado
Por instincto se revela,
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino...
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.

ALMEIDA GARRETT.

Charadas, enygmas e acrosticos

CORRESPONDENCIA

Gauthier. — O nosso collaborador *Gambetta,* encarregado d'esta secção, diz-nos que attendendo ao grande numero de charadistas que lhe enviam producções, não tem conseguido satisfazer os desejos de todos os pedidos que lhe são enviados. Brevemente entrará nos eixos. O romance não acabou Póde enviar as producções, o que agradecemos.

Decifrações do n.º 3

32. Revista magazine popular illustrada.—33, Elmano.—34, Revelado.—35, Quem cala consente.—36, A esperança é um emprestimo feito á felicidade.—37, Cherne, Robalo, Besugo. Salmão, Voador, Ganges.—38, Vigario.—39, Adia-anadia.—40, Alho-atilho.—41, Candida. —42, Sedula. —43, Pauladu. —44, Aromas-Samora. —45, Lasca-casca. — 46, Matto-Miranda.—47, Sacavem.—48, Traviata.—49, Julio Dumont (Orlando).—50, Penafiel. —51, Sobral-sobra. —52, Violino.—53, D'um lado está o ramo, no outro vende-se o vinho.

Decifradores

Padre Eterno, Simanito, Dperofer, Fausto Neves, Camillo, Gerimulhe, Leticia, Alejoal, Bohémio.

Enygmas

TYPOGRAPHICOS.

106

α β—a+o

(Zephyro).

*

107

(Retribuição a Gambetta)

Hypothecado socio

(politico francez)

(Alejoal).

108

D D sɐɹʇuoƆ pilar R epocha S AU universo

(Zephyro).

*

109

$\frac{Q}{K}$ Appellido S $\frac{V}{D}$ I k homem ɯıs

$\frac{T}{\quad}$ D ɐɹou GU notas pronome V preposição

(Zephyro).

POR INICIAES.

110

Q	D	Q	C
1	3	1	2

(Golias)

LOGOGRIPHO RAPIDO.

111

1-2-3-4 Interjeição — 5-6-7 offerecer

Afastar

(Fausto Neves).

ACROSTICO.

112

(Offerecido aos directores d'esta Revista)

```
    * * * C * *
* * * * * * O
          S * * * * * *
          M * * * *
  * * * * * O
    * * * * S
```

Deuses da mythologia

(Fausto Neves).

Charadas

BIFORMES.

113

E' metal o oxydo — 3.

(Alejoal).

*

114

Animal e peixe — 3.

(Simanito).

BISADA.

115

3—Era tão miseravel e MÁ que matou o cavallo—2.

(Alejoal).

DUPLAS.

116

Esta planta é uma glandula — 2.

Obidos. *(Padre Eterno).*

ELECTRICAS.

117

Honra e investe — 3.

(Gambetta).

118

3 — Transfere a opera — 2.

(Fausto Neves).

EM PHRASE.

119

E' indispensavel no casaco e no relogio — 1-2.

(Fausto Neves).

*

120

Esta setta causa pena ao instrumento — 2-1.

(Badameco).

*

121

O desfalque nos cortiços das abelhas é feito por quem lhe colhe o mel — 2-3.

(Alejoal).

METAMORPHOSE.

122

Este homem todos temos — 2 (B M).

(Dona Brites).

REDUZIDA.

123

Lindo —3
— ni —
Peixe—2

(Fausto Neves).

SYNCOPADA.

124

3 — Ha um pasto na villa — 2.

(Alejoal).

TRUNCADAS.

125

Tenho um appellido n'um dedo — 2.

(Fausto Neves).

126

Achei uma corôa n'uma rua de Lisboa — 3.

(Badameco).

127

(Ao meu amigo Roberto Fernandes)

Que planta tão clara!...—2.

(Fausto Neves).

*

128

Homem docil é conservador — 3.

(Alejoal).

PERGUNTAS GEOGRAPHICAS.

129

(A Gambetta)

Qual é a terra portugueza que tirando-se-lhe a ultima lettra está nos peixes?

(Dperofer).

130

ENYGMA PITTORESCO

Q ɐʇou

Q

(Gambetta).

Homens celebres de todos os tempos

Almeida Garrett

Depois de Camões, cuja grandeza topeta com os mais altos cimos gloriosos da historia da humanidade, não ha duvida que foi Garrett o maior genio litterario que temos produzido. Foi elle o creador do theatro portuguez moderno e o verdadeiro introductor do romantismo e das novas formas lyricas; e por esse motivo exerceu uma influencia profunda na nossa litteratura. Como consequencia da aparição dos seus primeiros poemas, tão bellos não só pela estructura, como pelo sentimento, a poesia.

Disse adeus ás ficções do paganismo

e emancipouse definitivamente da estreiteza dos moldes arcadicos em que asphixiava. Tinha sido necessaria uma gestação de dois seculos para surgir outro grande poeta que addisse a herança do idealismo camoniano, reatando a tradição nacional. Mas, o recemvindo, alem do seu talento admiravel, comprehendera muito bem que «a litteratura é filha da terra, como os Titans da

fabula, e á sua terra se deve deitar para ganhar forças novas quando se sente exhausta», e, em seguida a exprimi-lo por esta comparação tão claramente expressiva, emprehendia conscientemente a obra de renovação.

Garrett foi ainda um orador sublime, que triumphava sempre nas mais ardentes pugnas parlamentares e um reformador intelligente e arrojado; mas, o politico e o ministro não podiam deixar de ser eclipsados pelo escriptor. Simplesmente, os superiores tem que expiar sem remissão todas as superioridades. Supremo homem de lettras, a inveja atassalhou-o; preponderante homem de partido, as paixões infamaram-no. E por isso foi, tambem, um dos maiores calumniados, tanto mais que a sua personalidade singular, não podendo naturalmente sujeitar-se á pauta commum, concedia facil flanco ao ataque dos fundibularios. Até o seu modo de vestir, o seu apuro casquilho de requintado elegante, serviram de pabulo á dicacidade dos seus inimigos. De mistura com essas agressões pueris, feriram-no, porém, com acusações graves e odientas e assoalharam com escandalo torpe os seus amores e a sua vida intima.

O proprio Garrett escreveu a sua biographia, que deu a Gomes d'Amorim, o amigo e admirador dedicado auctor dos tres volumes de memorias do poeta, que constituem um imperecivel monumento erguido em sua homenagem. N'esse documento curioso disse elle de si, sem falsa modestia, nem sequer rigoroso escrupulo da verdade, aquillo que julgou de preferencia aboná-lo perante a posteridade no sentido que

Almeida Garrett

mais lisonjeava a sua complexa vaidade de artista. Nada o defende melhor, porém, do que esta tirada eloquente do prologo das *Folhas caidas:*

«Deixae-o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mundo, ou da gloria. Elle não entende bem d'isso, e vós não entendeis nada d'elle. Deixae-o passar, porque elle vae onde vós não ides, vae ainda que zombeis d'elle, que o calumnieis, que o assassineis. Vae, por que é espirito, e vós sois materia. E vós morrereis, elle não. Ou só morrerá d'elle aquillo em que se pareceu e unio comvosco. E essa falta, que é a mesma de Adão, tambem será punida com a morte.»

*

* *

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett — mais tarde visconde de Almeida Garrett — nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799. Está, desde ha annos, assignalada por uma lapide a casa da rua do Calvario em que o illustre poeta abriu os olhos á luz. Por ocasião da invasão franceza, o pae, que era açoriano, foi refugiar-se com a familia nas ilhas, e d'essa circumstancia resultou ter sido na Terceira que Garrett começou, não só os seus estudos, mas tambem a sua educação litteraria, guiada successivamente por um tio materno, desembargador e poeta, e por outro tio paterno, bispo e erudito. Destinava-se então á carreira eclesiastica e chegou mesmo a tomar ordens menores. E', de resto, conhecida a graciosa anedocta

do sermão pregado por Garrett, aos quatorze annos, em uma aldeia da ilha Graciosa, num dia de romaria local, por ocasião de ter ido ali visitar o tio que era bacharel, o qual parece ter concorrido para o dissuadir de fazer-se padre, bem como uma historia de amores mal averiguada. O certo é que no fim de 1816, tendo então perto de 18 annos, matriculou-se em Coimbra no primeiro anno juridico e cinco annos depois realisava a formatura. Durante o periodo universitario, Garrett corrigiu a tragedia *Xerxes,* que architectara na Terceira, e escreveu outras duas, a *Lucrecia* e a *Merope;* o começo de terceira, a *Sophonisba:* dois dramas em verso, *Atala* e *Affonso de Albuquerque;* os poemetos *O retrato de Venus* e *O roubo das sabinas* e varias das poesias soltas que entraram depois, provavelmente emendadas, na *Lyrica.* Não nos deteremos, porem, com estas producções juvenis, a maior parte das quaes foram pelo auctor condemnadas ao limbo, e que, se revelam já uma ou outra fulguração do engenho creador e das graças incomparaveis do maravilhoso poeta, ainda estão bem longe de poder ser assimiládas ás obras subsequentes.

A revolução de 1820 encontrara em Garrett um partidario fervente. Como não podesse tomar parte nos acontecimentos, devido á doença, desabafava em versos inflamados, e por causa d'elles começava o desaccôrdo irreductivel com o seu irmão mais velho.

Pouco depois do pronunciamento de 24 de agosto estampou, mesmo, em uma typographia do Porto, o *Hymno patriotico*, que foi a sua primeira produc-

ção impressa e é hoje tão rara especie bibliographica, que bem poucos terão logrado vê-la. O *Catão*, representado a 29 de setembro de 1821, no theatro do Bairro Alto, com o mais enthusiastico successo, obedecia á mesma corrente da epoca.

Em agosto do anno seguinte, o poeta, que, depois da formatura viera estabelecer-se em Lisboa, foi provido, por concurso, em um logar vago de official da secretaria do reino, onde era feito, pouco depois, chefe da repartição de instrucção publica e estabelecimentos pios. Foi no exercicio d'este logar que colligio os primeiros pensamentos para o tratado *Da Educação*, escripto mais tarde. Nos fins de 1822 realisou-se o julgamento do processo do *Retrato de Venus* (publicado no anno antecedente) em que foi absolvido, obtendo, alem d'isso um brilhante triumpho oratorio.

Com a queda da constituição de 1820, Garrett viu-se forçado a emigrar para Inglaterra em 1823. Regressou pouco depois, mas d'esta vez foram as auctoridades absolutistas que se incumbiram de mandá-lo sair de novo para fóra do paiz. Tornou á Inglaterra, d'onde passou, a breve trecho, para França. E' sabida a influencia que a emigração exerceu em Garrett, sendo, portanto, desnecessario insistir n'este ponto. Foi em França que escreveu, n'essa occasião, os seus dois primeiros grandes livros — o admiravel poema de *Camões*, tão sentidamente portuguez e tão impregnado de nobre melancholia, e a historia encantadora dos amores de *D. Branca*. Exilado, cheio de saudades, cruciado pelas privações materiaes e pelos desgostos

intimos, procurava ainda d'esta vez, como o fez sempre em toda a sua vida, um lenitivo na poesia:

> Oh meu amparo, oh doce gloria minha,
> Tu com quem me achei sempre,
> Na desgraça, na magua e nos pezares
> Para me consolar...

Mas, agora, com o espirito liberto de todo das peias classicas, erguia-se a uma altura descomunal, e aquellas duas obras primas, não só encaminhavam «os nossos auctores a *celebrare domestica facta*», como elle proprio disse; mas produziam tambem uma verdadeira revolução nas lettras nacionaes, como Alexandre Herculano confessou: «As tradições da Arcadia estavam irremissivelmente condemnadas.»

A morte de D. João VI, em 1826, e a outhorga da Carta, permittiram naturalmente o regresso de Garrett, que voltou ao desempenho do seu emprego burocratico, consagrando se ao mesmo tempo á imprensa politica; mas no anno seguinte (setembro) esteve preso no Limoeiro, com os outros redactores do *Portuguez*, e em principios de julho de 1828, após a dolorosa morte da filha unica do seu casamento com D. Luiza Midosi, emigrava outra vez.

*
* * *

A historia da segunda emigração de Garrett liga-se intimamente com a historia da lucta constitucional, e é por isso geralmente conhecida, o que nos dispensa de escrevê-la de novo aqui. Durante esse periodo,

publicou a *Adozinda*, a *Lyrica de João Minimo*, a *Educação* e *Portugal na balança da Europa.* Partiu no porão de um transporte para a Terceira, e foi ahi secretario e collaborador de Mousinho. Desembarcou depois no Mindello, como soldado, e entrou no Porto com a divisão liberal. Nos intervallos dos combates escrevia o *Arco de Sant'Anna.*

Não é nosso intento, porém, acompanhar o poeta nas diversas e agitadas phases da sua vida politica. Quer como diplomata, quer como deputado ou como ministro, a politica não servio senão para lhe roubar tempo em desbeneficio das lettras, embora algumas vezes, como por exemplo no caso da creação do Conservatorio, a politica lhe servisse para beneficiar as lettras. Foi n'este periodo que escreveu, comtudo, além das *Viagens na minha terra,* o maravilhoso drama, que é, sem contestação, a maior de todas as suas obras, pelo alto pensamento philosophico, que a inspira, a creação mais admiravel do seu genio, e uma das mais bellas e grandiosas do espirito humano, — esse assombroso *Frei Luiz de Souza*, que tem verdadeiramente a simplicidade da tragedia antiga e que se eleva ás regiões do mais puro ideal, sem que os personagens deixem comtudo de conservar-se dentro da craveira real.

As *Folhas caidas,* a mais vehemente poesia de amor que se tem feito na lingua portugueza e a primeira e mais alta expressão do nosso moderno lyrismo, são, póde dizer-se, o seu canto de cysne, modulado em circumstancias excepcionaes. Depois d'esses versos de tão singular intensidade e vibração, que serão li-

dos sempre com estranha admiração, só começou a *Helena*, a poucos dias já do tumulo. Estava cansado da vida, exhausto das suas luctas e combates, usado e envelhecido prematuramente, — elle que tanto receava exatamente a velhice, que até mentia constantemente para diminuir a idade.

Garrett morreu a 9 de dezembro de 1854, e esse dia foi, depois do da morte de Camões, o de maior lucto para a litteratura nacional.

Chrysanthemos

E uma das flores que hoje estão mais na moda, o chrysanthemo grande, de enorme desenvolvimento e florões consideravelmente alongados, importado do Japão, assim como d'ali importamos a arte nova e os Kimonos. O imperio do Sol Nascente está na moda desde que deu mostras da sua força, o que prova que, para merecer consideração e respeito á humanidade ainda é qualidade essencial ter força.

Nós já tinhamos o chrysanthemo e pouco caso se fazia d'elle, porque não era japonez. Mesmo hoje, quando se fala n'essa flor, deve entender-se a referencia á importada do Extremo Oriente. Não ha duvida que é esta uma flôr maior, mais bella e mais imponente que as variedades indigenas, mas estas tambem não são feias. O chamado chrysanthemo dos jardins, Malmequer, Pampilho, é uma linda planta com caule robusto que póde attingir 1,^{m}20 de altura e uma bonita flôr, de petalas de côr amarella carregada em torno d'um disco chato amarello esverdeado. Muito rustica, cresce quasi sem cuidados e dá-se bem em todos os terrenos e exposições e até nos jardins á beira mar e nas dunas. E' uma planta muito florifera e pro-

duz magnifico effeito nas guarnições dos macissos e canteiros dos grandes jardins.

As variedades singelas multiplicam-se por sementeira feita na primavera; as de flores dobradas propagam-se por estacas feitas no outomno e na primavera.

O chrysanthemo lacustre é, como o precedente, uma especie indigena de bello aspecto. Planta vivaz, caule robusto, anguloso, elevando-se de 50 a 70 centimeros de altura, folhas ovaes lanceoladas d'um verde claro e irregularmente denteadas. A flôr é grande, composta d'uma só ordem de folhas d'um branco puro, em torno d'um disco amarello e depois purpurino. E' uma magnifica planta ornamental, de bello effeito nos canteiros dos jardins. Precisa de terrenos profundos, um pouco substanciaes, em sitios frescos. Multiplicam-se por sementeira ou divisão dos pés na primavera.

Estas especies indigenas são, todavia, justiça é reconhecel-o muito inferiores em belleza, tamanho, forma e variedade do colorido, ás especies japonezas de que existem um sem numero de variedades. Hoje encontram-se de todos os matizes, desde o branco puro e o amarello muito vivo até ao castanho e purpura negra. Existem mesmo variedades de folhagem variegada, algumas, por exemplo, com folhas d'um verde glauco variegadas de amarello; estas variedades são muito cultivadas para bordaduras ou para obter bonitos effeitos por contraste.

Uma das mais bellas variedades japonezas é sem duvida a conhecida por *La Corée*. E' uma flôr enor-

me attingindo 32 centimetros de diametro, d'uma côr carmim violeta ou amaranto, com o reverso das petalas sombreado de branco creme. Vista de face, as

Amor de chrysanthemos...

petalas superiores, de um tamanho em proporção do diametro da flôr, apresentam-se dobradas pelo meio, inclinando-se graciosamente para o centro da flôr e as petalas inferiores, muito compridas, pendem para o caule d'uma forma original e encantadora.

A cultura dos Chrysanthemos é extremamente facil.

Vegetam em todas as terras de jardins, contanto que não haja agua estagnada, e até se dão bem em terreno arenoso. Todavia prosperam melhor em terras estrumadas com adubos muito decompostos.

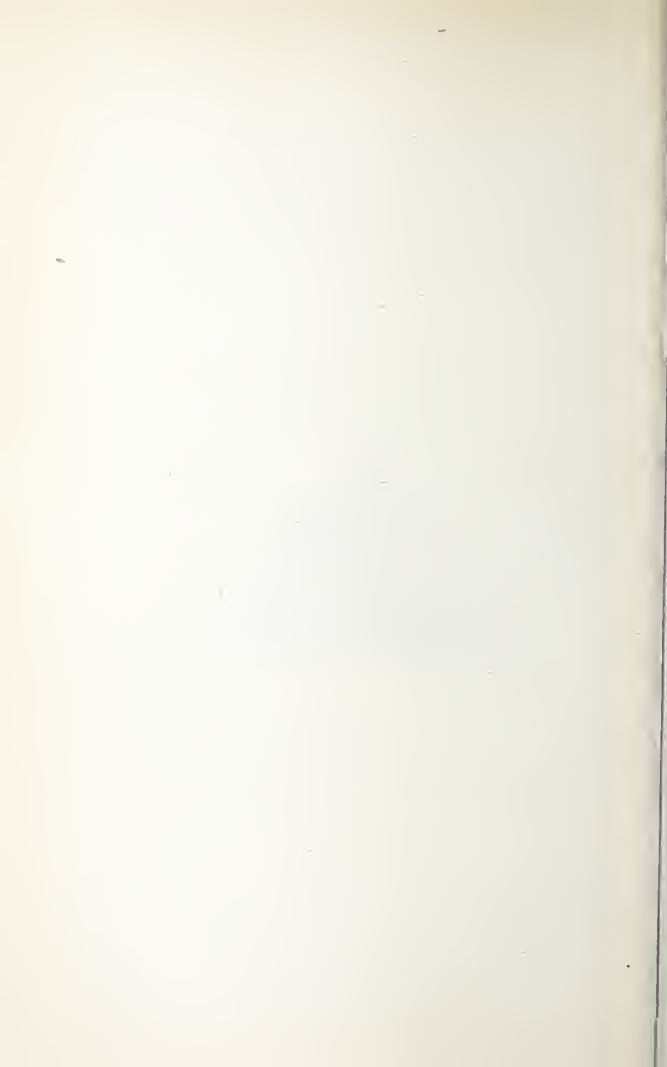
Os Chrysanthemos reprodusem-se por éstacas que se enterram, espaçando-as de 40 a 50 centimetros, em todos os sentidos, e que pegam muito bem. Quinze dias depois de plantação espontam-se as extremidades das estacas para as obrigar a ramificar, a primeira vez em maio, a segunda em junho, a terceira em meiados de julho. A póda depois d'esta epocha póde praticar-se com o fim de retardar a floração e obter flores em pleno inverno. Terminada a floração rebaixam-se os pés mães, cortando-os rentes á terra, e, logo que na primavera seguinte os novos rebentos apresentam 4 ou 5 folhas, faz-se-lhes a primeira poda e depois as outras como fica dito para as estacas.

Os bocados de hastes cortados podem servir como estacas para novas plantações. Estas plantações fazem-se na primavera e pódem continuar-se no verão mas é melhor n'aquella epocha para as plantas estarem já sufficientemente desenvolvidas quando chegarem os frios do inverno.

Os Chrysanthemos podem ser transplantados quasi até ao momento da floração, porque as suas raizes são muito cabelludas, conservando muito bem agarrada a terra da plantação e soffrendo porisso muito pouco ou nada com a transplantação.

Cultivam-se tambem em vasos.

Os Chrysanthemos são regados uma vez por outra com agua misturadas com algumas materias fertilisantes.

Durante os calores muito fortes é conveniente borrifar-lhes de tarde muito ao de leve a folhagem.

Palestra scientifica

A fauna maritima — A industria das pescarias

A vasta amplidão das aguas que cobre as tres quartas partes da superficie do nosso globo, occulta no seu seio uma variedade infinita de exemplares de seres do reino animal que se podem classificar em tres grandes classes: fauna costeira, comprehendendo a grande maioria dos exemplares comestiveis, fauna pelagica, abrangendo todas as especies que vivem á superficie das aguas e fauna profunda, englobando todas as especies que teém o seu *habitat* nas grandes profundidades. A primeira tem para a humanidade um interesse pratico e positivo, porque d'ella se alimentam milhões de pessoas, e é porisso que sobre ella tem recahido principalmente os esforços de investigação, constituindo-se uma, por assim dizer, sciencia da pescaria que poderia ser definida como o estudo das relações entre o *habitat* dos peixes comestiveis, nos diversos periodos da sua existencia, com as condições physicas do meio. A distribuição das duas primeiras classes nas aguas está em intima relação com a distribuição em superficie e profundidade das plantas com que se alimentam e está provado que, no sentido vertical, as plantas não

existem além do limite da penetração da luz do sol, isto é, além de 200 metros. D'aqui se conclue que as especies comestiveis não podem viver além da zona dos planaltos continentaes que, sob as aguas, são como que a transição entre a terra firme e as grandes profundidades.

Os peixes não param, geralmente, na mesma região; é isso até muito raro, segundo o que se tem podido concluir de numerosas e conscienciosas investigações, porque as suas necessidades variam segundo o periodo da sua existencia, obrigando-os a emigrações cujas leis começam agora apenas a ser esboçadas. Estas emigrações dão algumas vezes origem a grandes desastres economicos para prevenir os quaes são ainda impotentes a intelligencia e sagacidade dos homens de governo, visto que a sciencia lhes não fornece, por emquanto, quaesquer elementos mais ou menos positivos que os possa orientar n'esse caminho. Sob este ponto de vista, os homens limitam-se por emquanto á observação e verificação de factos. Ha alguns annos para cá, por exemplo, sem se saber a razão d'isso, as sardinhas abandonam as costas da França e affluem em grande quantidade ás costas da Galliza e de Portugal.

Epochas ha em que ellas desapparecem totalmente d'aquella costa·

A observação da temperatura das aguas a diversas profundidades e o estudo da direcção e variação das correntes maritimas, são talvez os fios mais seguros que hão-de fazer chegar o homem a qualquer conclusã o.

Pesca do bacalhau no Banco da Terra Nova

Sabe-se, com effeito, por conscienciosos estudos feitos por Hautreux que a temperatura é um dos factores principaes, se não o principal, na determinação do *habitat* do maior numero das especies. O bacalhau, por exemplo, vive habitualmente nas camadas cuja temperatura oscilla entre 7.º e 10.º e, apenas por necessidade de procurar alimento, chega algumas vezes á isothermica dos 12º, mas nunca passa a temperatura superior. N'esse passeio á isothermica dos 12º o bacalhau procura a sardinha, sua gulodice predilecta, e porisso esta, pelo natural instincto de defeza, evita tanto quanto possivel essa isothermica, vivendo de preferencia em temperaturas visinhas dos 15º, chegando algumas vezes aos 12º, mas não passando nunca para temperaturas inferiores. D'aqui se vê quão grande importancia teria o estudo das oscillações da linha isothermica dos 12º nas differentes estações do anno.

Nos Estados Unidos, na Noruega e na Escossia vão tomando grande incremento as investigações e estudos d'esta natureza, e bom seria que as outras nações maritimas a elles se dedicassem tambem, para se poder reunir o maior numero de elementos possivel e para d'ahi deduzir as leis biologicas que, relativamente a cada especie, mais particularmente interessem á industria das pescarias.

Um sabio oceanographo norueguez, Mohn, observou que ao longo das costas das ilhas Lofoten vive o bacalhau, de preferencia, em temperaturas de 4º a 5º, e d'ahi a necessidade de um navio, durante a estação da pesca, proceder a sondagens com o fim de verificar

em que altura se encontra, em cada localidade, essa camada d'agua de 4° a 5°, e indicar aos pescadores a profundidade a que devem fazer descer os seus apparelhos.

E' sabido que junto ás costas do Senegal e de Marrocos se encontra perto da superficie das aguas grande quantidade de bacalhau. Os pescadores das Canarias ahi apanham annualmente cerca de 6 a 8 toneladas, e pena é que os armadores portuguezes não mandem os seus navios áquelles mares, onde até poderiam permanecer de inverno, pois que talvez o producto abundante da pescaria os fizesse abandonar a penosa, e por vezes perigosa, estação no Banco da Terra Nova.

Este facto encontra explicação nas observações e estudos do sabio oceanographo Hautreux a que já nos referimos, pois segundo elle, é exactamente n'aquellas paragens que se approxima da superficie a corrente de agua fria que, vindo do norte para o sul, vae no seu caminho profundando successivamente até cerca de 1500 metros, voltando de novo progressivamente á superficie. E, com effeito, nas differentes profundidades d'essa corrente de agua fria se encontra o bacalhau.

Como acima dissemos, a grande maioria das especies comestiveis habitam junto das costas e não se encontram no alto mar. Todavia nas aguas do mar, longe das costas, vivem milhões de seres organisados do reino animal para os quaes a temperatura é tambem a condição capital da habitabilidade. Alguns formam com os seres do reino vegetal uma tão intima as-

sociação que se auxiliam mutuamente na alimentação, permittindo-lhes assim a uns e outros, espalhar-se por enormes estenções. Os *radiolares*, por exemplo, encerram nos seus tecidos numerosas cellulas amarellas que são algas, as quaes se alimentam dos productos expulsos pelo animal emquanto que este se nutre dos productos elaborados pela planta.

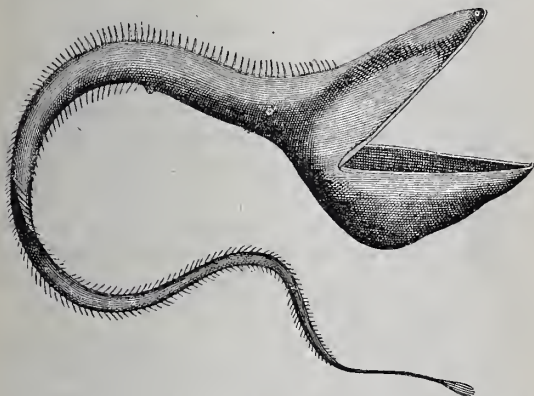
A maior parte dos animaes da fauna pelagica são transparentes o que os torna invisiveis, excepto quando se encontram reunidos em grandes massa. Outros tomam as côres das plantas que lhes servem de refugio, como acontece no Mar dos Sargarços, onde varios molluscos e crustaceos, ora são verdes, amarellos ou pardos, conforme a côr dos sargarços a que se acolhem.

As especies pelagicas temem quasi todas a luz. Durante o dia mergulham nas aguas a differentes profundidades e á noite veem á superficie. Além d'estes movimentos diarios, varias especies emigram, por vezes e durante periodos de tempo mais ou menos longos, para diversas profundidades, e voltam bruscamente á superficie, produzindo os phenomenos da phosphorescencia, do mar de leite e da coloração das aguas, bem conhecidos dos navegadores.

Especies ha que em certo periodo da sua existencia fazem parte da fauna pelagica e n'outro da fauna profunda.

Durante muito tempo passou como verdade, assente que nas profundidades além de 500 metros cessava toda a vida animal. Exemplares que por vezes eram trazidos de grandes profundidades, não conseguiam

destruir essa crença pela incerteza de se realmente vinham das grandes profundidade os exemplares mencionados ou se teriam sido apanhados, a meio, ao retirar os apparelhos.

Entretanto, em 1860, o naturalista Wallich conseguiu pescar alguns pequenos animaes em condições

Fauna profunda. Exemplar pescado a 2300 metros de profundidade

de affiançar que provinham d'uma profundidade de 1269 braças e pouco depois os trabalhos de concerto d'um cabo submarino no Mediterraneo forneceram occasião de verificar que realmente havia vida animal a grandes profundidades.

Desde então começaram as investigações iniciadas pelos Estados Unidos logo seguidos pela Inglaterra, Noruega e França e pescaram-se curiosissimos exemplares até 5:000 metros de profundidade.

Os peixes dos abysmos são todos de côr sombria, negros ou pardos.

Caraterisa-os principalmente a atrophia dos apparelhos de locomoção e apoio. Como nas profundidades em que vivem não ha luz, são na sua grande maioria phosphorescentes, emittindo pequenos clarões amarellos, esverdeados ou lilaz. Muitos teem olhos, outros não, mas n'estes, para lhes facilitar a alimentação, a boca toma tal desenvolvimento que o resto do corpo parece não ser mais que o appendice d'esse enorme funil. É vêr o especimen representado na gravura, pescado a 2:300 metros de profundidade, perto das costas de Marrocos, pelo *Travailleur*, em missão de investigações zoologicas submarinas. E' conhecido pelo nome de *Eurypharinx pelecanoïdes*. A cabeça mede tres centimetros de comprimento, dos quaes dois de maxilla, e o corpo 44 centimetros. E' negro e respira por cinco guelas.

Os naturalistas teem-se visto em dificuldades para classificar alguns dos exemplares da fauna profunda. O Oceano é povoado de sêres que não cabem em classificações methodicas.

Mas quem havia de dizer que a vida animal é possivel sob pressões de 500 atmospheras?

Os grandes paizes e as grandes cidades

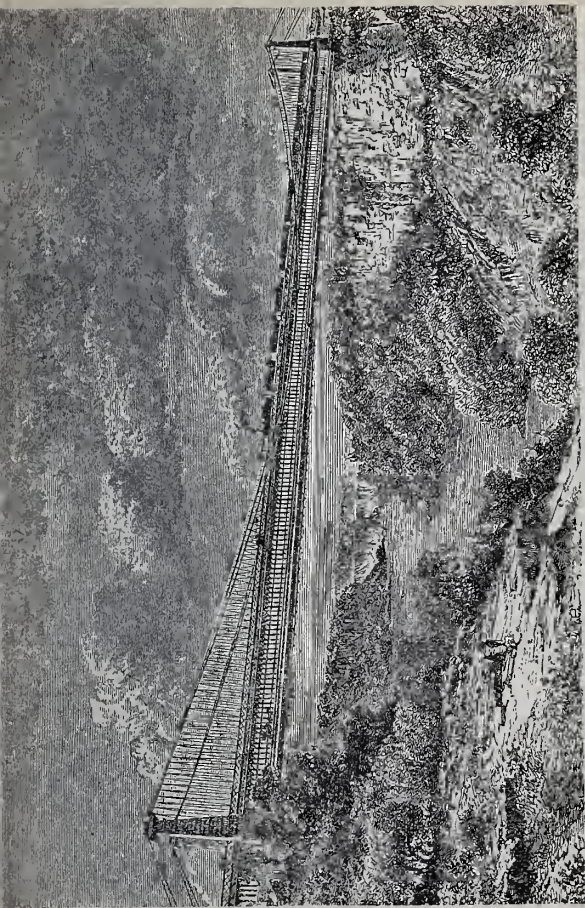
Imperio colonial inglez — O Canadá

A Inglaterra domina, como dissemos no numero anterior, sobre 400 milhões de habitantes de cerca da quinta parte das terras que se elevam do seio das aguas. Antes porém d'esse poderoso Estado estender a sua auctoridade a todas essas regiões, a todos os recantos do mundo, um pequeno paiz de aventureiros audazes dispendeu os melhores dos seus esforços em os descobrir, chamando um grande numero d'elles ao convivio da civilisação europeia. Esse paiz foi, como se sabe, Portugal. E, na verdade, quasi todos os paizes e ilhas perdidas na immensidade dos oceanos que hoje constituem o grande imperio colonial inglez, foram descobertos pelos portuguezes. Muitos é certo foram apenas descobertos; Portugal não chegou a ter sobre elles nenhum dominio effectivo, absorvido como estava pelas coisas da India, mas o facto é caracteristico, pois prova que a sêde de aventuras ou os acasos da navegação levaram os portuguezes d'esse tempo a todas as partes do mundo. Foi um portuguez, ou antes, foram portuguezes as primeiras victimas das neves eternas que circundam os pólos — Gaspar Corte Real e a sua tripulação —

nome infelizmente muito esquecido e muito pouco venerado na historia patria, assim como o commovedor episodio de dedicação fraternal d'essa familia.

O Canadá, enormissimo paiz ao norte dos Estados Unidos da America, quasi egual á Europa, foi descoberto em 1500 por Gaspar Corte Real que procurava... *a passagem de Noroeste!* Descobriu a Terra Nova, a Terra do Labrador, entrou e navegou por largo espaço no rio de S. Lourenço que a principio imaginou ser a almejada passagem para o Pacifico e regressou a Portugal. No anno seguinte voltou áquellas paragens, mas nunca mais voltou. Seu irmão Miguel Corte Real foi em sua procura, mas tambem lá ficou, e foi necessario que o rei interpozesse a sua auctoridade para que um terceiro irmão, Vasco Eannes Corte Real, não corresse na esteira dos dois primeiros a uma morte mais que provavel no meio dos gelos circumpolares.

O Canadá tem uma superficie de 3.653:850 milhas quadradas, mas cerca de metade d'este immenso territorio é permanentemente coberto de neves. Sob o nome de Dominio do Canadá fórma uma federação de 11 estados, não entrando n'esse numero a Terra Nova que tem um governo autonomo representativo com um governador nomeado pela Inglaterra.

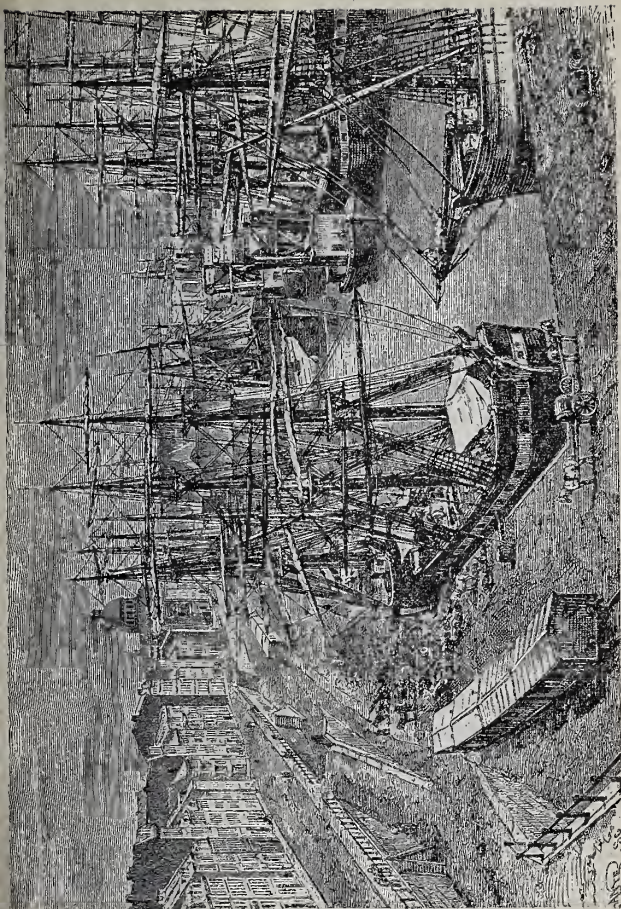
O governo do Dominio é exercido por um governador geral nomeado pelo governo inglez, com um ministerio, e por um parlamento composto de duas camaras, uma de senadores de nomeação vitalicia e outra de deputados, eleitos pelos differentes estados da federação. Estes são a Nova Escossia, a ilha do

Ponte de dois taboleiros sobre o Niagara

Principe Eduardo, o Novo Brunswick, Quebec, Ontario, Manitoba, Columbia ingleza, Assiniboia, Saskatchewan, Alberta e Territorios do Dominio. Exceptuando este ultimo que comprehende as regiões quasi desertas do norte, cada um dos estados tem uma assembléa legislativa eleita e um governador nomeado pelo governo geral, para se administrar autonomicamente.

A capital federal é Ottawa.

O Canadá foi uma colonia franceza desde 1524, em que Francisco I d'ella tomou conta apoz a viagem de Jacques Cartier, de Saint Malô, que subiu o rio de S. Lourenço, até 1759 em que foi conquistada pelos inglezes. Ficou porém no Canadá uma população franceza grande que, longe de diminuir, tem augmentado, conservando intacta a sua lingua e recusando-se obstinadamente a integrar-se nos costumes inglezes.

Porisso no parlamento do Dominio são admittidas indifferentemente as duas linguas, franceza e ingleza e n'ellas são publicados todos os documentos officiaes. Assim tambem não ha no Canadá uma egreja do Estado, mas 41 por cento dos habitantes são catholicos e os restantes protestantes e d'outras religiões.

A população do Canadá é de 5.500:000 habitantes; 86 por cento são originarios dos inglezes que habitavam a America do Norte e que, tendo ficado fieis á metropole, emigraram para o Canadá quando os Estados Unidos proclamaram a independencia; 24 por cento são descendentes dos primitivos colonos francezes, os quaes vivem principalmente no estado de

Os caes de Montréal

fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos e vae lançar-se n'um pequeno lago do mesmo nome, de pouca profundidade e margens pantanosas do qual sáe tambem um rio, chamado Estreito, que o liga ao lago Erié, tambem fronteiriço dos dois grandes paizes americanos, assim como o lago Ontario.

O Erié é um lago pouco profundo; na sua parte occidental tem apenas 10 metros e no centro cerca de 20 metros. E' no entanto um lago tempestuoso. D'elle nasce o Niagara, rio celebre pelas suas imponentes cataractas e que não é outro senão o rio de S. Lourenço sob outro nome. Do lago Erié dirige-se para o Ontario, e d'este sáe para se lançar no mar com o nome de S. Lourenço.

O lago Ontario é grande, tem cerca de 1.982:000 hectares de superficie e 220 metros de profundidade; separa o estado canadiano de Ontario do estado de New-York.

A' sahida d'este lago o rio de S. Lourenço banha um archipelago, d'um pittoresco inexcedivel, chamado das Mil ilhas. O rio tem ahi o nome de lago das Mil ilhas, porque é extraordinariamente largo. O mesmo lhe succede n'outros dois pontos do seu curso, chamados lago de S. Francisco e S. Luiz.

Muitos outros lagos ha no Canadá, para o norte, sobretudo, mas, situados em regiões pouco frequentadas pelos homens, não tem tanto interesse como aquelles a que nos referimos.

Além de Ottawa que é notavel principalmente por ser a séde do governo geral, mas cuja população não excede 60:000 habitantes, ha no Canadá duas gran-

des e importantes cidades, Montreal, capital do estado de Quebec, com 270:000 habitantes, e Toronto, capital do estado Ontario com 208:000 habitantes.

Os estados mais florescentes do Canadá são Ontario, Quebec, a Columbia ingleza e Manitoba.

Arte culinaria

DÔCES

PARA adoçar um pouco os beiços aos leitores cuja indulgencia nos é muito necessaria, damos-lhes hoje uma serie de receitas para confecção de alguns magnificos doces.

Puding de amendoa. — Tira-se a pelle ás amendoas, ralam-se e pizam-se. Põe-se ao lume a agua com o assucar, ou, em sua substituição, o mesmo pezo de xarope simples, e deitam-se as amendoas. Deixa-se tomar ponto alto, espadana larga, e tira-se do lume, deixando-se arrefecer um pouco. Deitam-se a seguir os ovos, mistura-se tudo e deita-se a massa em uma fôrma untada com boa manteiga e polvilhada com farinha fina, levando-a depois ao fôrno a cozer. Os elementos de que se compõe o puding empregam-se nas seguintes proporções:

Amendoas	250 grammas
Gemmas d'ovos	12
Claras d'ovos	2
Assucar pilado	500 grammas
Agua	250 grammas

Como acima dissemos, estes dois ultimos elementos

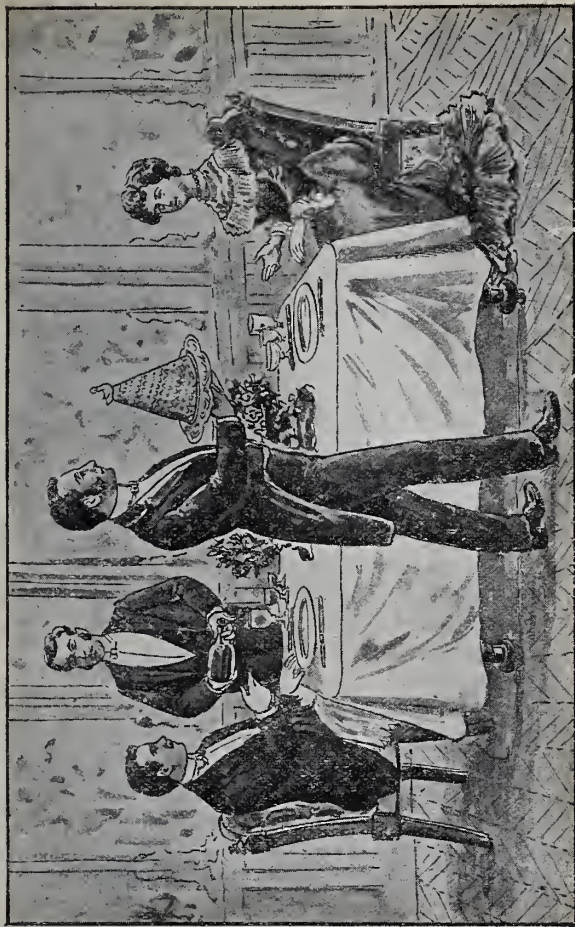
podem ser substituidos por 750 grammas de xarope simples.

Puding de chocolate. — Raspa-se o chocolate como se costuma fazer quando se quer preparal-o como bebida e deita-se em leite juntamente com assucar e canella. Bate-se muito bem até se desfazer bem o chocolate, mas por cautella passa-se sempre a massa por um crivo. Deitam-se depois as claras e as gemmas dos ovos misturadas, mas não batidas e misturam-se bem na massa. Deita-se tudo na fôrma, untada com boa manteiga e polvilhada com farinha torrada e cose-se em banho-maria, tendo-se deitado préviamente na agua d'este um pouco de carbonato de sodio para elevar a temperatura da ebulição e collocando sobre a tampa do banho algumas brazas para cozer bem a parte do puding que deve ficar para baixo.

São as seguintes as proporções em que devem ser empregados os diversos elementos que entram na confecção do puding:

Chocolate fino ou cacau.	250 grammas
Leite	1/2 litro
Gemmas d'ovos	10
Claras d'ovos	2
Assucar.	250 grammas
Canella em pó.	5 grammas

Puding de maçã. — Tira-se a côdea a um pão de fôrma de vintem e corta-se em fatias segundo a maior secção.

Prepara-se uma fôrma alongada, untando-a com

Um puding original!

boa manteiga. Colloca-se no fundo a fatia debaixo do pão de vintem barrada de manteiga. Por cima da fatia põem-se delgadas rodellas de maçã, de modo a cobril-a toda, e polvilham-se as rodellas com assucar pilado e canella em pó.

Por cima d'isto colloca-se nova fatia de pão, barrada de manteiga de ambos os lados, e que, como a precedente, se cobre com rodellas de maçã polvilhadas de assucar e canella. Continua-se assim até á ultima fatia de pão que, essa, não se cobre de rodellas de maçã. Bate-se leite com ovos e assucar pilado em quantidade sufficiente para tornar o liquido muito dôce, o qual se deita por cima e em volta da pilha formada pelas fatias de pão e rodellas de maçã e leva-se tudo ao forno a cozer.

As porções a empregar são as seguintes:

Pão de fôrma de vintem.	1
Maçãs em rodellas.. ...	as precisas
Leite..................	4 decilitros
Ovos................ ..	2
Manteiga	quanta baste
Assucar pilado	o preciso

Compota de ginja.—Emprega-se por cada kilo de ginjas um kilo de assucar. Escolhem-se ginjas gallegas bem maduras, lavam-se, tiram-se-lhes os pés e descaroçam-se. Para esta ultima operação ha uns instrumentos baratos, descaroçadores, muito praticos, com os quaes se tiram os caroços, ficando as ginjas com apparencia de inteiras.

Pezam-se as ginjas, dispõem-se n'uma vasilha de ir ao lume em camadas alternadas com camadas de assucar, começando por uma de ginjas e acabando por uma de assucar.

Leva-se depois a vasilha a fogo brando e deixa-se ferver a mistura até que a calda chegue a ponto de espadana, tanto mais alto quanto maior duração se quizer que o doce tenha. Chegando a ponto conveniente tira-se do lume e deita-se o doce em boiões de louça.

Compota de uvas ferral ou moscatel. — Por cada kilo de uvas empregam-se 7 decilitros e meio de xarope simples. Tira-se a pelle e a grainha das uvas. Põe-se o xarope ao lume até chegar ao ponto de pasta. N'essa altura deitam-se dentro as uvas, conservando a vasilha ao fogo até que a calda chegue a ponto de espadana. Tira-se então a vasilha do lume e deita-se o doce em boiões de louça.

Compota de marmello. — Por cada kilo de marmello emprega-se um kilo de assucar e 500 grammas de agua.

Descascados os marmellos, cortam-se ao meio e tiram-se-lhes as pevides. Cada uma das metades corta se em quatro partes. Pezam-se os quartos dos marmellos e deitam-se n'um tacho com egual pezo de assucar e metade do pezo de agua.

Leva-se o tacho ao lume, agita-se de vez em quando para o marmello se não pegar no fundo e deixa-se ferver a mistura. Logo que a calda chegar ao ponto de espadana, tira-se o tacho do lume e deita-se o doce em boiões de louça.

Creme de laranja. — Mistura-se muito bem sumo de laranja, assucar e gemmas de ovos e põe-se ao lume.

Batem-se em castello 8 claras de ovos e logo que a mistura que está ao lume ferver, tira-se e junta-se-lhe as claras, misturando-as bem com a massa, torna-se a pôr tudo ao lume mas por pouco tempo e mexendo sempre com um pau delgado.

As proporções a empregar são:

Laranjas..............	6
Gemmas de ovos	16
Claras de ovos	8
Assucar pilado	180 grammas

Farofias. — Este doce tem a vantagem de aproveitar as claras de ovos que ficam de outros doces.

Batem-se as claras em castello e deitam-se com uma colher de concha em leite a ferver, o qual as cose, conservando-lhes o volume. Logo que estejam cosidas, tiram-se do leite com uma escomadeira e deitam-se em vasilha côva.

Com o leite que fica, prepara-se um creme que se deita na vasilha espalhando-o sobre as farofias. As porções a empregar para as farofias e para o creme, são:

Leite	1 $^1/_2$ litro
Claras de ovos	6
Gemmas de ovos	4
Assucar pilado	200 grammas
Baunilha...............	quanta baste

O DOURO

Depois do Minho é natural que falemos do Douro, ainda ao presente com elle tão intimamente confundido por virtude da communidade antiga, que a organisação administrativa liberal desfez, mas que a tenacidade do habito persiste em conservar no uso corrente. E quando se fala do Douro o que se evoca prompto na imaginação é o «pais do vinho» cuja topographia e limites não correspondem propriamente aos da provincia aliás, e que, além d'isso, perdeu, desde ha alguns annos, a opulencia e a gloria de outrora.

O Douro, hoje cheio de montes escalvados e estereis, foi, na realidade, um vinhedo magnificente, e era, n'esse tempo, a nossa região máis rica. As qualidades geologicas da bacia schistosa duriense, entre o Alto e Baixo Corgo, são excepcionalmente propicias para a cepa, que nas encostas inclinadas dos seus terrenos pedregosos, saturados de potassa, permeaveis como esponjas, viceja á maravilha, auxiliada pelo clima adequado do Alto Douro. A vinha é, por isso, n'esta parte da região, a cultura remuneradora por excellencia. A oliveira, a amendoeira e os cereaes, e modernamente o tabaco, que são as outras culturas de alguma importancia que se praticam, não passam de succedaneas insignificantes da principal producção

local. O Alto Douro ou Alto Corgo, comprehendendo toda a margem do Douro portuguez desde a fronteira até ás proximidades da foz do rio Corgo, é o solar privilegiado dos mais preciosos «vinhos do Porto». O Douro Inferior ou Baixo Corgo, a descer d'ali até aos limites da terra vinhateira, isto é, até Barqueiros, dá claretes de merito e vinhos brancos excellentes, e ainda uma parte da sua producção é beneficiada para fabricar vinhos generosos, menos nobres por certo, mas que são aproveitados para lotação com os outros e até para exportação directa. Este exclusivismo de cultura é que affeiçôa o paiz do Douro, encravado em terras transmontanas e beirôas, tão similar do Minho em outros caracteres, dando-lhe uma existencia propria, bem expontanea e accentuada, antiga e profunda, que se denuncia em caracteres communs e condições de vida uniformes.

As elevadas qualidades dos vinhos do Douro, e sobre todas o seu finissimo e inconfundivel bouquet, desde ha tres seculos que o tornaram afamado no mundo inteiro, constituindo-o o elemento principal da nossa exportação, mantendo-o uma fonte inexhaurivel de riqueza para a região. No periodo dos ultimos cincoenta annos, porém, tres flagellos successivos e terriveis se abateram sobre o florescente Douro e fizeram desaparecer a vinha indigena. O primeiro foi, em 1861, o oídio, que, causando estragos muito superiores aos das doenças antes existentes, desencadeou o panico. Vinte annos depois, a Philloxera aparecia no Alto Douro Central, e de lá, do coração da região vinifera, alastrou por toda a volta, fulmi-

nando, na correria rapida, os vinhedos vicejantes. A esteva substituiu a parreira. A urze avassalou os extensos terrenos da vinha extincta, esses vastos «mortuorios», como lhes chama o lavrador desolado do norte. Em 1893 generalisou-se tambem o mildio, que, n'uma invasão violenta, produziu igualmente effeitos desastrosos. O combate contra os tres parasitas, por meio do enxofre, do sulfureto de carbone e do sulfato de cobre fez encarecer, desde logo, naturalmente, o custo da producção; mas, peor do que isso, a replantação com americanas só pôde realisar-se em escala restricta, por ser dispendiosissima. O solo, facil de desagregar pela acção das chuvas, tem de ser disposto em terraços, sustentados por muros especiaes de supporte: é assim que a plantação de cada milheiro de cepas fica por dinheirão excessivo.

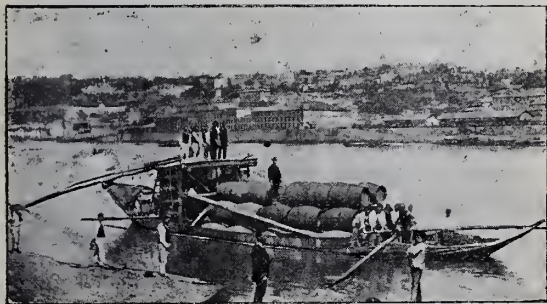
Typo do Douro

O esforço feito pelo Douro para reconstituir os seus vinhedos foi, ainda assim, bastante valioso, replantando-se principalmente todos os terrenos fundos. Mas, esse foi o ultimo signal de vitalidade e de energia da infeliz provincia. Os antigos proprietarios, arruinados, com as adegas cheias, não têem força para luctar mais, e a população do paiz vinhateiro, entregue ao desespero, emigra ás cegas ou debate-se em transes de aflicção. Fez-se ha pouco uma nova lei para proteger o Douro vinicola, para salvá-lo. Ponhamos de boa vontade toda a fé no seu effeito, e permittam os fados que ella se não converta em nova e amarga desillusão. Porque toda a vida da grande parte d'essa região concentra-se, e toda a economia resume-se, no fabrico e no commercio do famoso «vinho do Porto», — pelo seu complexo aroma, pela sua coloração quente, pelo seu sabor aveludado, pelo seu espirito capitoso, o indiscutivel soberano e pontifice de todos os vinhos do mundo.

O proprio rio, que deu o nome á região depois de o tirar das suas tradicionaes areias de oiro, parece ter nascido, e corrido desde Barca d'Alva, na raia, até á Foz, n'um longo e tortuoso valle de quarenta leguas, apenas com o destino de servir de estrada para o transporte do outro rio, que escorre, lentamente, com uma opulenta riqueza de etheres, dos lagares das suas margens. Escasso e minguado no verão, semelhante quasi a um mar no inverno, tal como é, só o velho barco rabello, com a sua carga de 80 a 100 pipas de vinho, o sobe e desce, escapando-se aqui de uma apertada galeira, passos adiante de um forte cachão, mano-

brando habilmente a sua enorme vella e o seu comprido remo de espadella com mais de dez metros. Lá o diz o proprio Douro, anthropoformisado pela imaginação de um dos seus poetas classicos:

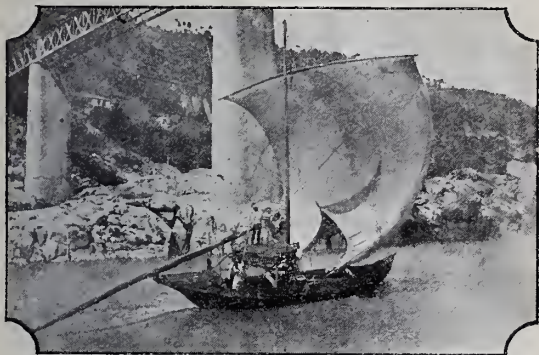
Eu quero um barco grosseiro,
Quero um rijo *marinheiro,*
Em vez de leme um madeiro,
Um madeiro secular!

A subida do rio leva dias e dias, ás vezes semanas e em algumas occasiões a embarcação tem, até, que

«Barco rabello a subir o Douro em frente ao Porto

ser puchada, da margem, por juntas de bois. O barco rabello, modelo de antiga architectura naval, cumpre, porém, pela energia, tenacidade e força rude da sua tripulação, a laboriosa travessia, e vem despejar nos armazens de Villa Nova de Gaia, que é a adega do Douro, a caudal preciosa do vinho que conduz. A fortuna do Porto, a riqueza do Douro, é em Gaia, nos seus beccos e alfurjas, empilhados de vasilhas, que

se conserva guardada. Por isso, o forasteiro que visita a villa, unicamente concede uma attenção bastante mediocre ao bello panorama da sua faxa ribeirinha e ao espectaculo da vida exhuberante offerecido pelas collinas que rodeiam o velho burgo, só de relance se lembra das suas tradições historicas antigas e modernas, que lhe dão «nome e renome» como diz uma das legendas do seu brazão; o que o interessa mais é vêr as immensas e celebradas adegas de Gaia, os depositos do mais famoso vinho que se bebe no universo. E não admira que infunda um religioso respeito a contemplação dos toneis que contéem os nectares incomparaveis das marcas nobres, que se experimente até o extase perante as garrafas poeirentas cheias dos vinhos envelhecidos da «Companhia do Alto Douro», quasi contemporaneos da sua fundação, no seculo XVIII. Sente-se então uma profunda impressão quando occorre a lembrança do tragico incendio dos armazens de Gaia, no periodo da lucta liberal, e diante dos olhos desenha-se a visão da onda de vinho correndo, em chammas, para o rio.

E', pois, o Douro, essencialmente, primeiro que tudo o mais, a terra do vinho; mas além do vinho, em que se resume, por assim dizer, toda a sua vida e actividade, ha no Douro muitas outras coisas interessantes, e, comquanto a provincia não seja tão formosa como é a do Minho, não deixa, por isso, de possuir bastantes sitios pittorescos, graciosos trechos de paisagem, imponentes pontos de vista, nobres tradições historicas, lendas encantadoras e costumes curiosos. Acabamos, por exemplo, de falar de Gaia, e de pas-

sagem alludimos já á belleza das suas margens e encostas; podemos citar igualmente as suas antiquissimas tradições, o feito moderno da defesa da serra do Pilar, e ainda a poetica lenda arabe do seu castello, a lenda de Zahara, tão maravilhosamente contada pelo divino Garrett.

«Barco rabello, subindo o Douro, em frente á ponte de Porto Manso»

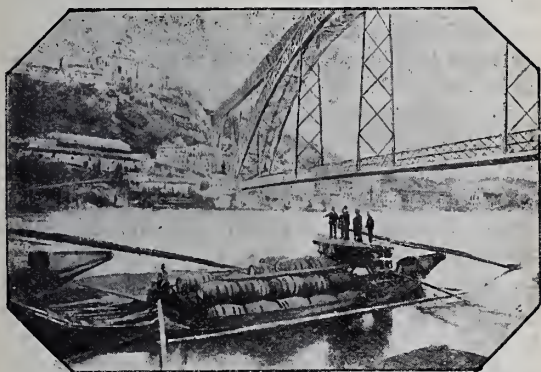
O que succede com Gaia, succede do mesmo modo a respeito de todas as demais terras durienses. Cada uma tem o seu atractivo proprio, o seu caracter pessoal, uma feição typica. E' evidente que não é nosso intento percorrê-las todas em revista, por mais rapida que fosse; nem isso caberia nas ensanchas de um singelo artigo como este, nem obedeceria ao plano delineado para esta serie de jornadas nas estradas de Portugal. Fazemos hoje para o Douro o que

fizemos antes para o Minho: dar uma idea geral, quanto possivel, dàs circumstancias regionaes que o caracterisam, reservando para capitulos especiaes o estudo monographico das suas povoações mais interessantes.

E' no Douro que fica, por exemplo, a segunda cidade do paiz, a capital do norte do reino, a maior grei trabalhadora da nação, o nosso mais diligente emporio commercial, o foco da moderna liberdade portugueza, o alfobre dos melhores poetas nacionaes, esse opulento Porto, teimoso e pertinaz, alternadamente generoso e egoista, prosaico e pratico ao mesmo tempo que apaixonado amante das flores. E não se supporá que o Porto, por si só, não baste, e sobeje até, para assumpto de um artigo independente d'esta serie, que, mais cedo ou mais tarde, promettemos consagrar-lhe.

A pouca demora do Porto, no caminho de ferro, situada na borda do Atlantico, está Villa do Conde, de respeitavel ancianidade historica, visto que foi já objecto de uma doação do conde D. Henrique, e verdadeira joia da natureza. E' a senhoria aristocratica do rio Ave, cuja corrente é interceptada a cada passo por graciosos açudes e cuja ampla barra o tempo tem progressivamente entulhado de areia, e possue dois monumentos grandiosos, que são o magestoso convento sobranceiro á villa, do qual a primeira fabrica remonta aos começos do seculo XIV, e o extenso aqueducto sobre uma elegante arcaria de 999 arcos.

Dois kilometros apenas distante de Villa do Conde encontra-se a Povoa de Varzim, a praia de banhos

mais popular do norte e a mais arrojada colonia piscatoria que temos. O que é a animação da Povoa na epoca balnear, a confusão das gentes principalmente minhotas e transmontanas, que n'ella se aglomeram, pinta-o Ramalho Ortigão, com todo o poder descriptivo do seu estylo, no delicioso livro, dos primeiros,

«Barco rabello» carregado de pipas, atracando ao caes da Curvaceira no Porto

aliás, do eminente escriptor, sobre as praias de Portugal. Não resistimos ao desejo de reproduzir aqui um pequeno trecho espirituosamente suggestivo do quadro: «A rua da Junqueira — principal arteria da povoação que liga a praça em que se acha a casa da camara, a administração e o mercado, com a praia — está desde pela manhã cedo até alta noite coalhada

de moscas e de gente. As moscas cobrem os muros, as humbreiras das portas, as vitrines e os mostradores das lojas, n'uma immobilidade, n'um goso, n'um extase que impressiona particularmente os forasteiros. As superficies que as moscas deixam devolutas, são occupadas pela gente. Quando um viajante chega, com a sua mala, ergue-se no ar uma nuvem negra que scintilla e que zumbe: são as moscas que se deslocam e procuram apertar-se um pouco mais para dar logar ao adventicio. Outras vezes é a gente, que encurta o passo, que se condensa, que se ennovela: n'estes casos é uma nova mosca que chega e solicita o seu logar na rua. Dá-se-lhe o espaço preciso para ella se estabelecer e a circulação dos viandantes regularisa-se e prosegue».

Para o archeologo a Povoa apresenta um grande interesse de actualidade. Tinham-na considerado sempre, até ha pouco, como de origem moderna. Inesperadamente porem, surgiram do seu sub-solo, por baixo da duna, incontradictaveis provas de uma velha civilisação. A sua colonia piscatoria, que o nome do heroico pescador Maio ennobrece, e a mais avultada e audaciosa do paiz, como dissemos já, offerece tambem um campo inesgotavel para o estudo do folklore maritimo. Todas as festas dos santos populares estão ligadas intimamente pelo poveiro ao mar. A senhora da Assumpção, da capella da Lapa, que elle destaca na sua devoção, chamando-a familiarmente «a nossa virgem», é até sua consocia nas companhas de pesca. Nenhuma festividade ha tambem mais luzida, na Povoa.

Nas fogueiras do S. João, os pares das danças cantam, ao som das violas e dos pandeiros:

> O' meu S. João Baptista,
> Dae sardinha em demasia,
> Mas ao vir a vossa vespera
> Mandae ao mar maresia.

Com S. Pedro, acontece o mesmo, e com este por sobeja razão, porque lá diz a quadra local:

> S. Pedro desde pequeno
> Foi marinheiro do mar,
> E agora já tem as chaves
> Do paraiso terreal.

Nas occasiões de temporal as mulheres dos pescadores do bairro de S. José que andam no mar, ajuntam-se á porta da capella d'este santo e gritam-lhe na sua afflicção: «S. José governae os barcos! S. José, ponde-vos ao leme! S. José, conduzi-os para terra a salvamento!» E ainda ha poucos annos, quando S. José, se fazia surdo, quebravam-lhe á pedrada as janellas da egreja.

O thesouro das outras superstições locaes não deixa, tambem, de ser opulento; mas talvez seja Penafiel a terra do Douro onde se encontram radicadas mais numerosas tradições, onde o ethnologista descobrirá um estrato mais profundo dos antigos cultos extinctos. Todos conhecem de fama as suas grandes festas do «Corpus Christi», com a cavalgada mascarada, que se denomina «a entrada», com as danças caracteristicas, com a procissão, meio christã, meio pagã, da qual não ha muito fazia ainda parte a *serpe* e em que continua figurando o «boi bento».

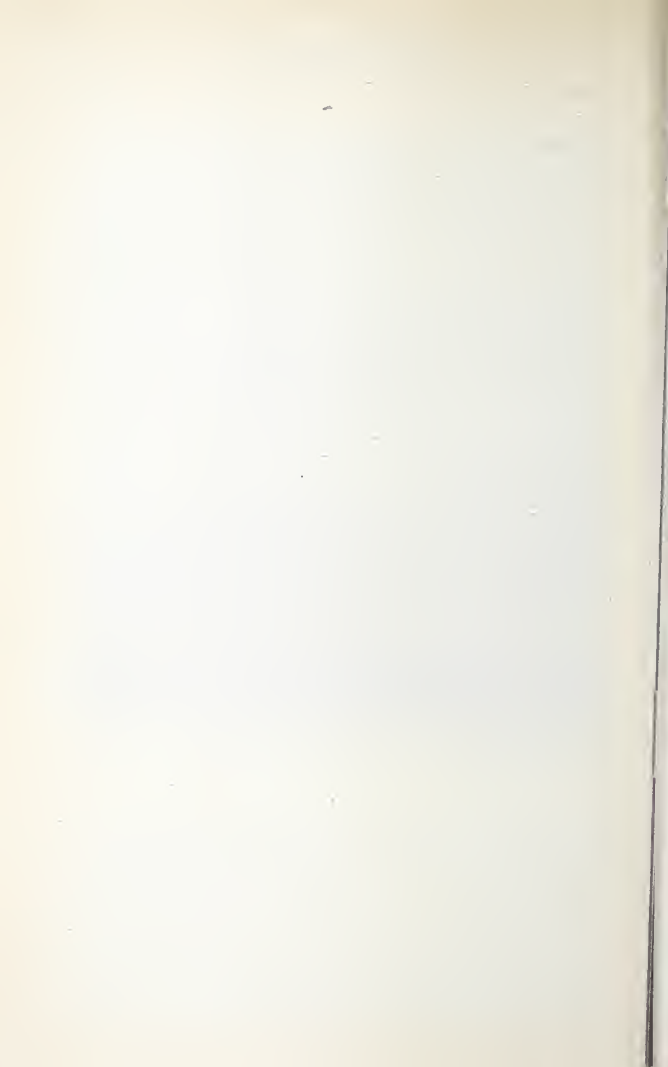
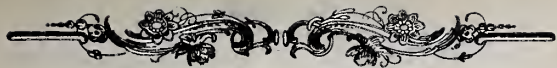
Ainda que restrictas, porém, estas notas sobre o folklore da provincia levar-nos-iam demasiado longe. Do mesmo modo, este artigo tomaria uma exagerada extensão se quizessemos fazer referencia especial a cada uma das terras mais conhecidas do Douro, como

Foz — a doca na qual houve um desmoronamento

seriam, por exemplo, Margaride, a patria do pão de ló; Amarante, fundada por S. Gonçalo e onde persiste extraordinariamente vivo o caracter phallico do seu culto; Marco de Canavezes, cujo ridente quadro é emoldurado pelo Tamega, que ora apresenta a serenidade dos lagos, ora salta estrepitoso nas presas dos açudes e nas rodas das moendas; a Maia, encantadora paisagem bucolica, que animam as campone-

zas porventura mais airosas dos arredores do Porto; Mattosinhos, Leça da Palmeira, e tantas outras.

Como o Minho, no verão o Douro tem tambem as suas romarias, e tem mais as comedias ao ar livre e os jogos de roda. A mulher duriense é menos poetica do que a minhota, menos prolifica tambem, e não desempenha certamente um papel tão preponderante no lar; mas, em copensação, é dotada do mesmo espirito pratico e igualmente trabalhadeira. O vinho do Douro é até, quasi exclusivamente, obra da mulher, que, de sol a sol, se ouve cantando nos vinhedos, a trabalhar como uma moura. E' ella quem esmadeira a vinha, quem faz os mólhos das vides podadas e os conduz á cabeça, quem enxofra e sulfata, quem faz a apanha dos cachos, quem com as pernas esculpturaes á véla sova a uva no lagar, e finalmente quem transporta o vinho em canecos.

Tal é nos seus aspectos geraes a terra e a vida do Douro, que mais nitidas serão esboçadas, depois, nos quadros parciaes que, tanto o territorio como a gente das provincias de Portugal, nos estão convidando a escrever.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

Vasco da Gama

Descobrimento do caminho maritimo para a India

Apoz a morte do inclito infante D. Henrique em 1460, continuou, por ordem de D. Affonso V, a exploração da costa africana, mas, a breve trecho, este monarcha, absorvido pelos seus projectos da conquista de Marrocos, no que infelizmente não teve continuadores, resultando por isso inuteis as suas brilhantes victorias, desinteressou-se dos descobrimentos maritimos e resolveu... pôr em praça o privilegio de descobrir terras ao longo da costa africana, nova e curiosa industria, genuinamente portugueza. O que é certo é que a praça não ficou deserta, pois appareceu Fernão Gomes que se abalançou á empreza, parecendo que não teve posteriormente motivos para se arrepender, porque augmentou consideravelmente a sua já grande fortuna. Os navios por elle armados, em consequencia d'esse previlegio, descobriram uma porção da costa desde a Serra Leôa até ao cabo Lopes, isto é, toda a costa do golpho da Guiné.

Seguiu-se a expedição de Diogo Cão já no reinado

do Principe Perfeito que fizera voltar para a corôa o privilegio de armar navios para os descobrimentos e mandára construir a fortaleza de S. Jorge da Mina, a segunda que os portuguezes levantaram nas terras descobertas. Diogo Cão seguiu a exploração da costa africana e descobriu o Rio Zaire ou Congo, navegando por elle acima e travando relações com os indigenas. Regressou a Portugal e no anno seguinte, voltando ao Zaire, seguiu pela costa mais umas 200 leguas para o sul. Estava-se em vesperas do grande acontecimento, da resolução pratica do problema de que dependia alcançar-se ou não o objectivo ha tantos annos alvejado — saber se o continente africano permittiria pelo sul passagem para a India, ou se continuaria até ao pólo, offerecendo uma barreira infranqueavel. Coube essa gloria ao intrepido marinheiro Bartholomeu Dias cujo nome tem sido injustamente offuscado pelo exito brilhante de Vasco da Gama, para o qual, de resto, elle concorreu mais que ninguem. Partindo de Lisboa com duas caravellas e uma naveta com mantimentos, em agosto de 1486, seguiu Bartholomeu Dias a exploração da costa africana desde o ultimo ponto em que tocára Diogo Cão, até que, perto do Cabo da Boa Esperança cuja proximidade elle nem sequer suspeitava, foi acossado por um violento temporal que o obrigou a correr para o sul, perdendo a terra de vista. Treze dias andaram as duas caravellas á matroca, com risco de se afundarem, e as tripulações com a morte deante dos olhos. Abonançando o tempo, Bartholomeu Dias fez rumo para leste afim de encontrar a costa, mas qual não

foi o seu espanto, ou antes, a sua alegria, não vendo apparecer a terra, quando pelos seus calculos devia

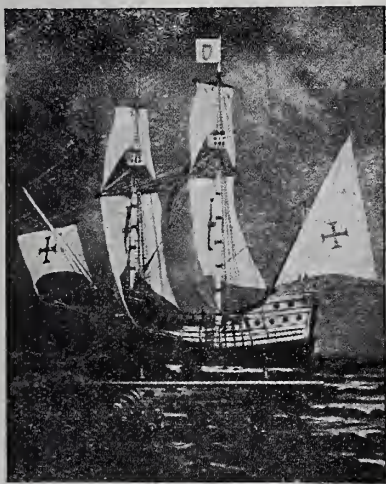
Vasco da Gama

tel-a já encontrado Se a costa não apparecia era evidentemente porque o continente africano tinha ter-

minado e não chegava ao pólo sul; logo era possivel ir por mar até á India. Bartholomeu Dias fez então rumo ao norte e poucos dias depois encontrava-se realmente na costa sul oriental de Africa. Deante d'elle estava livre o caminho da India; porque não seguiria para deante? Foi o que fez, continuando a navegar ao longo da costa até a um ilhéu a que poz o nome de ilhéu da Cruz. Nome symbolico. Querendo proseguir o seu caminho, as tripulações revoltaram-se e impozeram-lhe o regresso. Tripulações recrutadas um pouco *à la diable*, um tanto ou quanto cosmopolitas, que lhes importava a gloria de Portugal? O terror predominava e só a muitos rogos conseguiu Bartholomeu Dias que lhe permitissem navegar mais dois ou tres dias, chegando ao rio a que chamou do Infante, do nome do capitão da outra caravella. O caminho do regresso foi para o illustres marinheiro um calvario e a caravella uma cruz a que a sua tripulação o amarrou, crucificando-o moralmente. Ter estado no caminho da India e ser forçado a virar-lhe as costas!...

Na volta avistou pela primeira vez o grande cabo a que poz o nome das Tormentas, mais tarde mudado para o de Boa Esperança por D. João II. Tinham decorrido 53 annos desde que fôra dobrado o cabo Bojador e 69 desde a partida dos primeiros navios do Infante D. Henrique.

Os descobrimentos proseguiam na realidade muito lentamente. Parecia que agora, aberto o caminho, a India seria immediatamente demandada. Mas não; decorreram nove annos e meio sem que nenhuma

expedição partisse com esse fim. Faziam-se aprestos, é certo, mas tudo corria vagarosamente. Nem se sabia quem seria o commandante da futura expedição. Talvez Bartholomeu Dias; tinha ganho bem essa honra. Não succedeu porém assim. O intrepido marinheiro, cumprida a sua gloriosa tarefa, desappareceu da scena para só reapparecer 13 annos mais tarde, em situação

A nau *S. Gabriel*

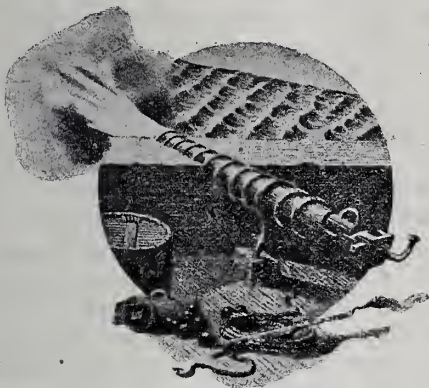
subalterna, na esquadra de Pedro Alvares Cabral, afim de receber o castigo do Gigante.

«Aqui espero tirar se não me engano
De quem me descobriu suma vingança»

Bartholomeu Dias encontrou a morte nas aguas do cabo que descobrira, tendo sossobrado o seu navio açoitado por medonho temporal.

D. João II morrera e subira ao throno D. Manuel cujo primeiro cuidado foi apressar a partida da expedição que devia demandar a India. Confiou o commando a um fidalgo chamado Vasco da Gama, não se sabe bem porquê, mas certo é que os factos posteriores provaram que a escolha tinha sido muito acertada. Foi a 7 de julho de 1497 que largou do Tejo a expedição composta das naus *S. Gabriel* e *S. Raphael*, da caravella *Berrio* e d'um pequeno navio com mantimentos. Vasco da Gama commandava a primeira, seu irmão Paulo da Gama a segunda e Nicolau Coelho a *Berrio*. Não se imagine que essas naus eram grandes navios; de bello aspecto, graciosos, donairosos mesmo, eram todavia muito pequenos, de 120 toneis apenas. Depois de tocar em S. Thiago de Cabo Verde, a esquadra fez rumo para o mar largo, dando vista de terra só tres mezes depois, fundeando na angra de Santa Helena, d'onde suspendeu a 16 de novembro, dobrando o cabo da Boa Esperança a 22 e fundeando tres dias depois na bahia de S. Braz, onde Vasco da Gama mandou queimar o barco dos mantimentos. Até ahi, a não serem as usuaes contrariedades da navegação e o episodio de Fernão Velloso na angra de Santa Helena, nada houve de notavel. A passagem do temeroso cabo fez-se com bom tempo.

As difficuldades começaram, desde que a esquadra perdeu de vista o ultimo ponto em que tocara Bartholomeu Dias. O terror dominava as tripulações de

Vasco da Gama, como succedera ás d'aquelle intrepido marinheiro, e a ideia da revolta passou-lhes pelos cerebros, conluiando-se a tripulação da Berrio que apenas esperava occasião favoravel de communicar o intento ás tripulações das naus para todas juntas se impôrem ao capitão mór. O Mar Indico, além d'isso,

Uma peça da nau *S. Gabriel*

recebera-os mal. Vendavaes, calmarias, balanços terriveis que fizeram rebentar varias pipas de agua a qual porisso começou a escassear, fortes correntes que fizeram andar os navios tanto para traz que tornaram a encontrar-se em frente do ilhéu da Cruz, tudo era de molde a impressionar os cerebros rudes da marujada ignorante.

Nicolau Coelho teve, porém, denuncia, do conluio

e pôde communical-a a Vasco da Gama e este, percebendo que era necessario parar o golpe com um acto de energia e audacia, chamou á sua camara os pilotos, pediu-lhes a sua opinião sobre o que haveria a fazer, e, como elles se pronunciassem pelo regresso ao reino, fez lavrar d'isso o competente auto, mandando em seguida pôl-os todos a ferros. Pegou depois em todos os instrumentos de navegação que os pilotos tinham trazido, por ordem sua, e atirou-os ao mar deante da sua tripulação á qual disse: «D'aqui em deante só Deus é mestre e piloto. A elle vos encommendae e pedi misericordia, porque eu não hei-de arribar emquanto não encontrar o que vim buscar.»

A marujada curvou a cabeça submissa e a esquadra seguiu o seu caminho, descobrindo a 25 de dezembro a costa do Natal, a 10 de janeiro o rio do Cobre e a Terra da Boa Gente que parece ter sido a que hoje se chama Inhambane, a 22 o rio dos Bons Signaes (Quelimane) e a 2 de março o porto de Moçambique onde encontraram os primeiros commerciantes arabes que logo farejaram nos portuguezes terriveis concorrentes cuja chegada á India era necessario impedir a todo o custo. Aqui começaram pois os precalços que por vezes pozeram em risco imminente a sorte da expedição, mas dos quaes Vasco da Gama, com a sua energia e sagacidade, sempre se sahiu bem. Já em Moçambique teve que repellir hostilidades dos mouros, e levando d'ali um piloto, chegou no dia 1 de abril a uma ilha que o piloto lhe affirmava ser terra firme. Vasco da Gama mandou-o açoitar e á ilha poz o nome de ilha do Açoitado. Em

Quilôa salvou-se por acaso de nova traição do piloto e do mesmo modo em Mombaça. A 14 de abril chegou a esquadra a Melinde e ahi teve um acolhimento leal. O *cheick* forneceu-lhe um piloto e a 17 de maio avistava Vasco da Gama a terra da India, fundeando no dia 20 em Calicut.

Logo foi posto em terra um degredado dos que iam na esquadra para missões em que houvesse inglorio risco de vida. Alguns dos indios que se accumulavam na praia a contemplar os estranhos navios, não o perceberam, mas levaram-no a casa de um mouro que, tendo residido muito tempo no norte de Africa, conhecia algumas linguas europeias. O moiro comprehendeu com effeito o degredado, mas começou por mandal-o para o diabo. Este mouro foi, porém, depois, um fidelissimo, um lealissimo amigo dos portuguezes e por esse facto teve até de retirar para Lisboa para escapar á vingança dos seus. Chamava-se Ben Said. Tendo vindo a bordo com o degredado, Vasco da Gama encarregou-o, fazendo-o acompanhar de alguns portuguezes, de pedir uma audiencia ao Samori de Calicut o qual, acolhendo bem o pedido, logo enviou ao capitão mór um piloto para levar os navios para Pandarane, porto mais seguro. Vasco da Gama, sempre prudente, não foi, porém, tanto para o interior do porto como queria o piloto, e bem avisado andou. No dia 27 de maio foram os nossos recebidos com toda a solemnidade pelo Samori, no meio d'um enorme concurso de povo, mas a pobreza dos seus vestuarios em contraste com as sedas e pedrarias rutilantes dos que vestia a côrte do Rajah e o pequeno

valor relativo dos presentes enviados por D. Manoel fizeram no espirito dos indios uma impressão muito desfavoravel e predispozeram-nos a acreditar as intrigas dos mouros. Os nossos foram tratados com verdadeiro desprezo e até encerrados n'uma casa, não se lhes permittindo communicação alguma com o exterior.

Por fim, o ministro do Samori, não tendo conseguido que Vasco da Gama desse ordem aos navios para se approximarem mais de terra e temendo as represalias dos que haviam ficado a bordo, consentiu que o capitão mór e os seus recolhessem aos navios, mas só depois de desembarcadas as mercadorias que n'elles vinham para vender. Dois mezes se passaram em hostilidade latente com os mouros, protegidos pelo rajah. Este, um dia, não consentiu que os dois portuguezes que estavam em terra com as mercadorias recolhessem a bordo. Vasco da Gama fingiu não se irritar com isso.

Os navios portuguezes eram muito visitados por indios e uma occasião, achando-se a bordo 25, dos quaes 12 dos mais importantes commerciantes da terra, Vasco da Gama prendeu-os e enviou a terra 6 dos menos considerados com recado de que, se lhe não restituissem os dois portuguezes, partiria para Lisboa com os 19 indios; e, para mostrar que isso lhe não custava, levantou ferro e foi para o mar bordejar, voltando ao porto 4 dias depois. Logo lhe mandaram para bordo os dois portuguezes, mas o capitão mór desembarcou só seis, mandando dizer que só poria em terra os outros, quando lhe mandassem as

mercadorias. Mandaram-lh'as logo, mas elle não desembarcou os 13 indios, partindo para Lisboa dois dias depois com elles a bordo.

No regresso foi queimada a nau *S. Raphael* nos baixos a que deram esse nome e nas alturas de Cabo Verde os dois navios restantes separaram-se, indo Nicolau Coelho na *Berrio* para Lisboa, onde chegou a 29 de julho de 1499, e Vasco da Gama na *S. Gabriel* para a ilha Terceira, onde falleceu seu irmão Paulo da Gama. Fretando então uma caravella n'ella chegou a Lisboa a 29 de agosto de 1499, onde foi recebido com enorme enthusiasmo, dando-lhe D. Manoel muitas e importantes recompensas.

Vasco da Gama voltou á India em 1502 como capitão mór da quarta esquadra armada com esse destino e a mais poderosa de todas que até então para ali tinham seguido. Ia disposto a inflingir ao Samori de Calicut um severo castigo pelos vexames que lhe fizera soffrer e a espalhar o terror em toda a India. Para começar, a 3 de outubro, encontrando no seu caminho uma nau de Meca carregada de peregrinos, queimou-a com toda a gente que ia dentro, salvando apenas 20 creanças para as baptisar! Acto de selvageria inconcebivel que não encontra justificação possivel, nem nos aggravos recebidos, nem na Rasão de Estado. Dirigiu-se depois para Cananor cujo rajah se submettia á vontade dos portuguezes e, seguindo d'ali para Calicut, intimou o Samori a expulsar dos seus estados todos os mouros e, como este recusasse, destruiu a cidade com um terrivel bombardeamento. Não se contentando com isso, ainda por lá se demo-

rou mais tres mezes a hostilisar o Samori por todos os modos e feitios. Regressando a Lisboa, foi recebido com toda a solemnidade, mas a noticia das suas inconcebiveis crueldades não produziram boa impressão.

Desde então o vulto de Vasco da Gama sumiu-se na sombra até que em 1524 voltou á India, mas na qualidade de vice rei, o segundo que lá foi com este titulo.

A India era escandalosamente governada por D. Duarte de Menezes e tornava-se necessario um homem respeitavel, conhecedor das coisas da India e que ao mesmo tempo fosse dotado de energia indomavel. Vasco da Gama era realmente o homem da situação e com effeito não desmentiu as esperanças n'elle depositadas. Pena foi que a morte tivesse vindo tão cedo pôr termo á sua preciosa existencia. Vasco da Gama morreu em Cochim no dia 25 de dezembro d'esse mesmo anno de 1524.

Foi na sua ultima viagem á India que se deu um incidente que mais uma vez salientou a presença de espirito do capitão mor, aquella rara serenidade que não o abandonava nos mais arriscados lances. Proximo da costa Malabar os navios foram violentamente sacudidos por uma fortissima convulsão submarina. No navio almirante, como nos outros, apoderou-se da tripulação um panico indiscriptivel. Vasco da Gama sereno e imperturbavel, voltando-se para os marinheiros aterrados, gritou-lhes com voz forte:

«Não hajaes receio! São os mares a tremer com medo de nós!»

Anecdotas

A variedade deleita

Não havia maneira de se corrigir. Por maiores sermões de moral que a patrôa lhe prégasse, a criada continuava sempre na mesma. Ora uma vez, depois

de muitas outras, a patrôa encontrou-a á porta da rua a segredar com um policia.

— Ora valha-te Deus, Maria, disse-lhe ella meio irritada, pois tu não mudarás nunca?

— Mas eu mudo, minha senhora, responde-lhe a criada.

— Então a senhora não se lembra que da outra vez era um guarda municipal e mais atraz um cabo de infanteria?

Mutuas felicitações

O imperador Guilherme I da Allemanha, quando era apenas ainda rei da Prussia fez incognito uma viagem pela Hungria.

O rei tinha maneiras familiares e a linguagem um pouco rude. Um dia encontrou nas immediações de Toephtz um juiz hungaro que passeava distrahidamente por uma estrada fóra, de cachimbo entre os dentes e mãos atraz das costas.

— Que profissão é a tua, meu rapaz? perguntou-lhe o rei. O outro, embora muito admirado de se vêr interpellado tão familiarmente por um desconhecido respondeu:

— Sou juiz de primeira instancia.

— E estás contente com a tua posição?

— Estou.

— Muito bem; recebe então as minhas felicitações.

O rei ia a retirar-se, mas o hungaro deteve-o e perguntou-lhe:

—E tu, meu rapaz, que profissão tens?

O rei ficou interdicto, sem saber se deveria confes-

sar a verdade ou calar-se. Por fim resolveu-se e responde:

—Sou rei da Prussia.

—E estás contente com a tua profissão? perguntou o hungaro, sem se mostrar absolutamente nada surprehendido com a primeira resposta.

—Estou, sim, respondeu o rei um pouco enfurecido por vêr que não tinha produzido impressão alguma no seu interlocutor a declaração da qualidade régia da sua pessoa.

—Muito bem; recebe então as minhas felicitações retorquiu o juiz, saudando cortezmente o rei e proseguindo no seu passeio.

Longa jornada

—Disseram-me que seu filho anda viajando, é verdade?

—É'. Portugal parecia-lhe pequeno. Precisava vêr mundo, correr aventuras, affrontar perigos...

—Onde está agora?

—Em Palmella, minha senhora.

Dentro ou fóra?

N'um carro electrico, um passageiro que não primava pelo aceio e que, ao que parece, fazia pouco caso dos pedidos da Assistencia, cuspiu no chão.

O conductor avisando o passageiro:

—Isso é prohibido. Quem quer cuspir ca dentro vae lá fóra para a plataforma.

Qual dos dois era mais fino?

Um camponez de Traz-os-Montes veio a Lisboa pela primeira vez e, como é natural, ficava embasbacado a cada passo deante de qualquer cousa, porque na grande cidade tudo lhe parecia maravilha.

Uma coisa porém o intrigava fortemente. Era vêr muitos estabelecimentos com balcão e caixeiros mas a respeito de mercadorias nem raça. Eram as lojas de cambios.

Na rua dos Capelistas, sobretudo, é que elle mais se admirava, porque ali havia umas poucas d'essas lojas.

Um dia, porém, que lobrigou uma, onde só estava

o dono, dentro do balcão, sendo a sua curiosidade mais forte que a timidez, entrou e perguntou:

—Que vende o senhor aqui?

O cambista que imaginava poder divertir-se á custa do homem, respondeu:

—Vendo cabeças de burro.

—Oh, replicou immediatamente o camponez que percebeu que o sujeito estava a troçar com elle, deve ter feito então um bello negocio, porque eu cá já não vejo senão uma.

Hypothese acceitavel

Um professor de mathematica tinha 10 discipulos que, diga-se a verdade, eram muito cábulas. O pro-

fessor extreminava-se a explicar as lições, mas os discipulos ferravam sempre monumentaes estenderetes.

Um dia que o professor não estava de bom humor e que, como de costume, os seus discipulos se estenderam successivamente, elle, impaciente, diz:

— Eu vou explicar novamente. Supponhamos que n'esta sala estavam 10 burros...

— Perdão, replicou immediatamente um dos discipulos mais insubmissos, é melhor explicar com 11.

— Não me interrompa, retorquiu o professor, continuando na hypothese formulada...

— Mas então dê-me V Ex.ª licença, interrompeu de novo o estudante. Eu sáio para que a hypothese possa ser acceitavel.

Modas

Parecem destinados a não descer nem um degrau do throno da moda, na presente estação, os chapeus de fórma *Cloche*. Confeccionam-se elles especialmente com tulle, de preferencia o fino, tão fino como teias de aranha. Predominam as côres vivas. Felizmente, para vestir com elegancia, não é indispensavel que o chapeu seja da côr da toilette; uma senhora vestida, por exemplo, de verde cru, com chapeu da mesma côr, dar-nos-hia a impressão de um piriquito. Actualmente, nenhuma senhora de bom gosto se prende com a perfeita similhança dos tons do vestido e do chapeu. A moda determina mesmo o contrario, bastando ter-se em vista que a côr do chapeu não brigue com a do vestido. O que demanda um pouco mais de escrupulo é a escolha de tons que convenham simultaneamente á côr da tez

Elegante cloche de crina enfeitado com grandes rosas e com uma echarpe franjada, caindo sobre as costas.

e dos cabellos, evitando-lhes a visinhança de *nuances* desfavoraveis.

Os tons demasiadamente berrantes attenuam-se com enfeites negros, em tufos ou *chous*. N'este caso estão muito em voga, como guarnição, as azas de arara, que se applicam no casco, caindo soltas. Achamos, porém, preferivel applicar uma aza preta e a outra de arara. Para senhoras novas e meninas aconselhamos as copas de tulle com abas de palha.

Chapeu em palha hortense. Copa de tulle no mesmo tom, guarnecida com grandes laçadas de fita larga e com uma rosa pallida na frente.

As rosas continuam a usar-se enormes, empregando-se conjunctamente com outras flores: lilazes, margaridas, hortenses, etc., que devem ser proporcionaes, em tamanho, ás rosas.

No principio da estação as grandes e fartas laçadas pretas, á Alsaciana, cobriram uma infinidade de chapeus; presentemente, esse uso tende a restringir-se. Sobre palha preta, branca ou azul, as laçadas brancas substituem com vantagem as pretas.

As palhas de côr guarnecem-se com fita adequada; a mistura de côres é muito menos chic.

Mas não são apenas os chapeus que se transformam, senão nas linhas geraes, pelo menos nos pequenos detalhes. A transformação estende-se aos pen-

teados e aos adornos do cabello. Estão a cair em desuso as travessas e os ganchos grandes, vendo-se muito as tranças lizas á ingleza. Não affirmo que esta moda seja muito bonita, mas quem ousará affirmar que ella não triumphe em breve tempo?

Nos chapeus mais elegantes, em tulle, ficam admiravelmente as pennas de marabu. Como, porém, este enfeite é muito caro e se estraga com facilidade, não convem empregal-o nos chapeus ligeiros.

Toilette de grande cerimonia, em marquisette ametista Saia, encaixe, cavas e punhos, guarnecidos com galão bordado a contache. Mangas em renda, valencianna e peitilho em gaze de seda. Cinto e gravata em setim liberty.

Terminaremos por notar que o branco, em toda a sua irresistivel simplicidade, parece este anno unifor-

memente adoptado para as praias e estações de verão. As toilettes d'esta côr offerecem a incomparavel vantagem de conservarem a frescura, emquanto o ar do mar e do campo desvanece todas as outras côres, principalmente as mais mimosas.

do Dendre e no entroncamento dos caminhos de ferro de Bruxellas a Tournai e de Gand a Namur.

Tem fabricas de tecidos de linho, cerveja, rendas e luvas e um importante commercio de canhamo, sementes oleoginosas, coiros e pannos de linho. E' tambem importante a industria de ourivesaria.

Aati, especie de panno usado pelos habitantes das ilhas Tahití.

Aavora, nome indigena da palmeira *Elaeis guineensis*, tambem chamada Palmeira da Guiné.

E' uma das mais notaveis variedades da palmeira espinhosa, conhecida como planta oleaginosa desde os meiados do seculo XV. Originaria das costas occidentaes da Africa equatorial, em torno do golpho da Guiné, desenvolve-se d'um modo assombroso nos paizes humidos e quentes do interior, especialmente no Congo onde se encontram immensos bosques de *elaeis* com troncos de 1 metro de circumferencia.

Esta palmeira existe tambem na Senegambia, no Gabão, no rio Nuno, etc.

Aavora (azeite de). Liquido extrahido dos fructos da aavora por fermentação. E' de côr amarella pallida ou amarella alaranjada. E' vulgarmente conhecido pelo nome de azeite de palma.

Os grãos do fructo da aavora dão uma especie de manteiga conhecida pelo nome de manteiga de Galam.

Aayon, rio que corre nas Pampas Argentinas no districto de Chubut. Foi explorado na sua parte superior pelo viajante Musters em 1879.

Aazai, pequena cidade do Yemen na Arabia, situada

no paiz conhecido antigamente pelo nome de Baharem.

Aazaz, fortaleza da Syria.

Aazi, aldeia de França, a 9 kilometros de Cheny, departamento do Sena e Marne.

Ab, preposição latina que entra em muitas phrases latinas, usadas em portuguez e n'outras linguas, como, por exemplo, ab aeterno, ab initio, ab abrupto, ab absurdo, etc.

Ab, undecimo mez do anno civil dos hebreus e quinto do seu antigo anno religioso que principia no mez de Isán. Corresponde á lua de julho e, segundo os annos, principia entre 10 de junho e 7 de agosto, contando 30 dias.

Os judeus jejuam no primeiro dia de Ab em memoria da morte de Aarão e no nono dia em commemoração da destruição do templo de Salomão, incendiado pelos chaldeus, no reinado de Nabuchodonosor, no anno 586 antes de Jesus Christo, prophetisada por Jeremias e outros prophetas.

No dia 18 jejuam outra vez em memoria do roubo das lampadas do templo, commettido n'essa noite no reinado de Achar.

N'este mez são vedadas aos judeus todas as distracções e o corte de barba e cabello. Póde dizer-se que é a sua quaresma.

Foi tambem n'este mez que os judeus soffreram a expulsão dos territorios da França, Hespanha e Inglaterra.

Ab, palavra que em persa quer dizer agua e entra na composição de varios nomes geographicos.

Ab, rei do Egypto da setima ou oitava dynastia.

Ab, undecimo mez maçonico que corresponde á undecima lua do calendario judeu.

Ab, marca de polvora franceza do typo A fabricada em Bouchet para a marinha de guerra.

A. B., nome que por abreviatura se dá na marinha ingleza aos grumetes aptos para a promoção (Able-bodied sea man).

Aba, sub. fem., extremidade (de alguns vestidos); peça saliente em certas obras de carpintaria, alvenaria e serralharia; sopé; visinhança; prolongamento dos lados d'um corpo ou superficie.

Aba, nome que nas egrejas syriacas, coptas e ethiopes dão a uns dignitarios ecclesiasticos que exercem fnncções identicas ás dos bispos catholicos. A palavra *aba*, em syriaco e egypcio sign fica *pae*.

Antigamente tambem os alexandrinos chamavam assim ao seu patriarcha.

Nas ilhas Filippinas *Aba* significa *Deus*.

Aba, cidade da antiga Grecia na Phocida, na margem do Cephiso, fundada, segundo a tradição, por Abas, rei de Argos. Foi celebre por um oraculo de Apollo, venerado n'um grande templo.

Os seus habitantes deixaram-na quando Xerxes a invadiu, e foram estabelecer-se na Eubea a que pozeram o nome de Abantis. Foi destruida pelos thebanos e reedificada por Adriano. No seu logar existe hoje a povoação de Modi.

Aba, monte da Armenia, onde nascem o Euphrates e o Araxes, a 56 kilometros de Erzerum.

Aba, povoação na ilha de Yesso (Japão) perto da bahia do Volcão.

Aba, ilha do Nilo Branco, nos confins de Kordofan e Sennaar, onde o Madhi Mohammet-Amed viveu desde 1868 a 1883 n'um poço cavado por suas mãos até que sahiu a proclamar a guerra contra os anglo-egypcios, pretendendo apoderar-se do Egypto.

Aba, escólho do mar Adriatico.

Aba, povoação da Hungria, de 3.500 habitantes, situada no districto de Szek-Féher ou Stuhlweissenburg. Tem aguas mineraes.

Aba, cidade de Inglaterra principalmente conhecida pelo concilio que n'ella se celebrou em 1012.

Aba, aldeia hespanhola da provincia da Corunha, concelho de Oliveros, parochia de San Marino; tem apenas 13 casas e 60 habitantes.

Aba, panno com que no oriente se faz um traje especial, composto de uma especie de sacco sem mangas e uns calções curtos, usados pelos camponezes, marinheiros, soldados e gente do povo da Turquia Os trajes são tambem conhecidos pelo nome de *aba* e são regularmente talhados, parecidos com um manto que apresenta certa analogia com o albornoz.

Aba, unidade agraria usada nas provincias de Aragão, Catalunha e Valencia, de Hespanha.

Aba, nympha, mãe de Ergisco.

Aba, filha de Zenophanes, um dos tyrannos da cidade de Olba da Asia Menor; esposa de um dos individuos da familia dos Teucer, soberanos e summos sacerdotes da dita cidade, á qual Antonio e Cleopatra confiaram o governo da mesma.

Aba ou *Owon* (Samuel), rei ou usurpador do throno da Hungria, ultimo representante da reacção pagã

contra o christianismo victorioso, depois da morte do rei Santo Estevão. Subindo ao throno depois de ter derrotado o rei Pedro contra o qual os hungaros se haviam revoltado por causa das suas exacções, abusou de tal fórma do poder que os hungaros se sublevaram chamando de novo o rei Pedro, auxiliado por Henrique III, imperador da Allemanha. Reinou apenas 3 annos de 1041 a 1044. N'este anno foi mandado decapitar pelo rei Pedro.

Abá, manto dos beduinos.

Abá, exclamação de dôr ou surpreza, empregada pelos habitantes das Filippinas e por quasi todas as raças da Malasia. Corresponde ao nosso *Ai.*

Abá, nome porque é conhecido em Cuba um arbusto que tem 12 pés de altura e 2 1/4 pollegadas de grossura, cujas folhas são empregadas no tratamento da paralisia.

Abaabo, rio da ilha e provincia de Mindoro, perto da povoação de Nanjan, no archipelago das Filippinas. Nasce a pequena distancia da costa sueste da ilha.

Abab, nome dado aos antigos marinheiros turcos livres, recrutados para o serviço das galeras, na falta de escravos, na razão de um homem por cada vinte familias, dando cada uma d'estas familias um tanto ao individuo designado pela sorte.

Abab ou *Aabab,* povo da Abyssinia do norte entre o Mar Vermelho e o Nilo, nos confins do Egypto e da Nubia. Conta uns 100:000 individuos divididos em 4 tribus. Possue minas em Djebel-Zabarah e exporta carbonato de soda.

Ababa, grupo de ilhas ao Noroeste das Novas Hebridas na Melanesia.

Ababa, rio da Thessalia.

Ababán, nome que na Republica Argentina e no Alto Paraná se dá a uma arvore silvestre, de madeira muito dura, que produz um fructo comestivel e a qual cresce nas cercanias da cidade de Coirrentes.

Tem proximamente 5 metros de altura, mas o tronco tem de diametro 8 ou 9 centimetros apenas. O fructo mede, em geral, 10 centimetros de comprimento e 2 de grossura.

Ababangay, nome vulgar que nas Filippinas se dá á *Calosanthés indica,* formosissima arvore que cresce na India e nas ilhas do archipelago de Sonda.

Nas Filippinas attribuem ás folhas d'esta arvore propriedades curativas das ulceras.

Tambem se lhe dá os nomes de *Ababangué* de *Ababanqui.*

Ababás, povo indio que vive no Brazil na provincia de Matto Grosso, perto da fronteira da Bolivia, na serra dos Parceis e nas florestas situadas entre os tres braços superiores do Curumbiara, affluente do Guaporé.

Ababaya, nome que os caraibas dão ao papayeiro (arvore do papaya).

Ababdehs, povo que habita o deserto entre o valle do Nilo e o Mar Vermelho e se encontra tambem na Nubia e no Egypto, nas margens do Nilo, entre Assouan e Edfou.

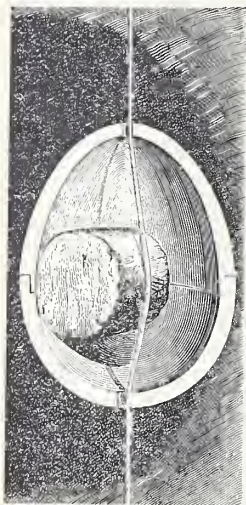
E' um povo de pastores, de cem mil individuos, os

Distracções e coisas uteis

O ovo magico

O leitor conhece decerto esses ovos de madeira que se abrem pelo meio desatarraxando a metade mais larga da mais afilada e de que as mulheres costumam servir-se não só para n'ellas guardarem pequenos utensilios de costura, dedaes, agulhas etc., mas tambem para pontearem peugas, esticando sobre elles a parte da piuga onde se encontra o buraco que se pretende concertar. Pois com um d'estes ovos podemos intrigar fortemente os curiosos que quizerem aturar-nos, fazendo-o descer rapidamente ou devagar e até parar em qualquer altura d'um cordel que lhe tivermos enfiado, segundo o seu eixo maior, para o que lhe devemos ter feito previamente dois furos nas extremidades do referido eixo.

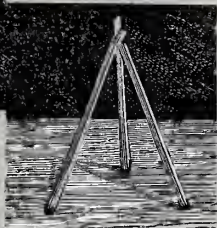
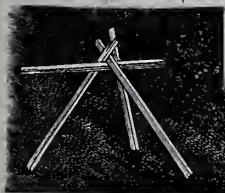
O segredo da habilidade está em entallar dentro do ovo, perpendicularmente ao eixo maior um pedaço de rolha ou um pequeno cylindro de madeira de modo que o cordel não fique no interior, na linha que une os dois furos, exercendo por isso, quando esticado, um forte attricto sobre o contorno exterior do boçado de rolha.

Tendo as extremidades do cordel nas duas mãos se collocarmos este verticalmente sem o esticar, o ovo deslisará rapidamente pelo cordel abaixo; se esticarmos o cordel brandamente o ovo descerá mais devagar e tanto mais devagar quanto mais esticarmos o cordel, chegando a parar quando este exerce sobre o pedaço de rolha uma forte pressão.

Quem quizer deixar a assistencia devéras impressionada, não tem mais que esconder na palma da mão o bocado de cortiça, abrir o ovo deante de todos para que todos se convençam de que dentro d'elle não ha nenhum machinismo malfasejo e enfiar o cordel mettendo rapidamente o pedaço de rolha quando estiver para fechar o ovo, operação facil de executar sem que os outros d'ella se apercebam.

Depois, conservando as extremidades do cordel nas duas mãos, deixa escorregar rapidamente o ovo e, trocando a posição das mãos, estica ao mesmo tempo o cordel fortemente, de modo que o ovo fique parado na parte superior. Depois pede a qualquer das pessoas presentes que ordenem ao ovo para descer rapidamente ou devagar, ou de parar a meio da descida, e, com certeza

todos ficarão maravilhados com a imprevista submissão do ovo ás ordens recebidas.

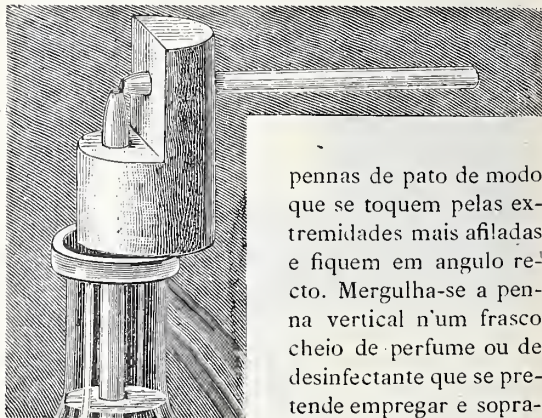
Com um phosphoro suspender tres

No pé d'um phosphoro amorpho pratica-se uma pequena fenda e corta-se o pé d'outro em faceta que se introduz na referida fenda; ficando os dois phosphoros a formar um angulo agudo. Collocado assim sobre uma meza encosta-se-lhes ligeiramente um terceiro phosphoro. O problema a resolver é suspender estes

tres phosphoros com um outro. Para isso encosta-se este ligeiramente aos dois primeiros de modo a fazer cahir sobre o que se tem na mão o terceiro, abaixando-se em seguida um pouco a mão a fim de permittir que o terceiro phosphoro entre na abertura do angulo formado pelos dois primeiros. Feito isto levanta-se o phosphoro que se tem na mão sobre o qual ficarão suspensos os outros tres.

O vaporisador

Apparelho de construcção simplissima com o qual se podem perfumar ou desinfectar todos os recantos.

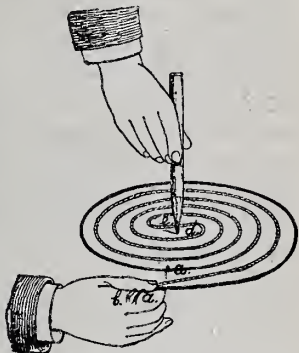
Corta-se um quarto d'uma rolha de cortiça, prati-

cando uma secção vertical segundo o eixo e em metade da altura e outra horisontal em metade da largura. Fazem-se dois furos enfiando por elles duas

pennas de pato de modo que se toquem pelas extremidades mais afiladas e fiquem em angulo recto. Mergulha-se a penna vertical n'um frasco cheio de perfume ou de desinfectante que se pretende empregar e soprase pela outra Obter-seha o effeito de qualquer vaporisador dos mais complicados.

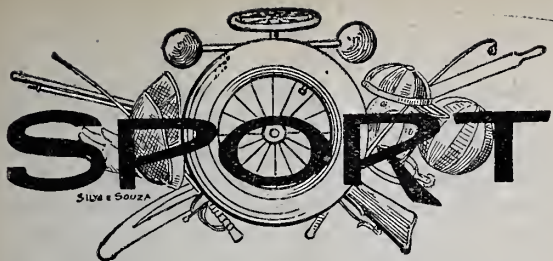
O caracol

Ainda ha pouco tempo foram presas umas mulheres que com uma fita e um lapis acharam maneira de fazer com que meio mundo lhes despejassem nas algibeiras razoaveis sommas.

N'um cesto traziam varios objectos, alguns dos quaes de valor e outros de pouco preço. A pessoa a quem se dirigiam, depositava o valor que ellas attri-

buiam ao objecto preferido; ellas enrolavam então uma fita que punham sobre uma meza e diziam á pessoa que puzesse o lapis verticalmente de modo a prender a fita quando ellas puxassem pelas extremidades, porque n'esse caso ganharia o objecto e tornaria a guardar o dinheiro depositado, perdendo dinheiro e objecto no caso do lapis não prender a fita. Ora a fita só ficava presa quando ellas queriam. Deixavam assim a pessoa ganhar dois ou tres objectos de pequeno preço e, enthusiasmando-a, incitavam-a a depositar o valor dos objectos de maior preço e então é que eram ellas; nunca mais o lapis prendia a fita.

Ora nós vamos denunciar o *truc* de que essas mulheres se serviam.

Dobra-se uma fita de 3 a 4 metros de comprimento de modo que uma das extremidades exceda a outra n'um comprimento de 50 centimetros. Este excesso enrola-se e mette-se na palma da mão, segurando entre o pollegar e o index os dois ramos da fita dobrada no ponto em que termina o mais curto. Designemos a extremidade d'este ramo por *b* e a extremidade do mais longo por *a*, indicando por *c* o ponto d'este ramo que corresponde á extremidade do mais curto.

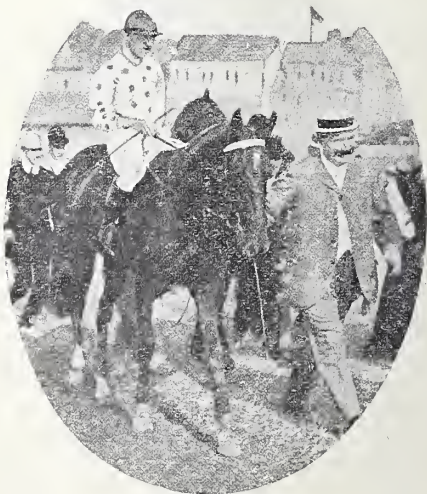
Sem largar dos dedos as extremidades da fita, dobra-se esta sobre uma meza em espiral e diz-se a uma pessoa que trate de collocar verticalmente um lapis de modo a prender a fita quando puxarmos pelas extremidades. Essa pessoa collocará o lapis em *d* e se com effeito puxarmos as extremidades *b* e *c* a fita ficará presa no lapis. Mas se com os 5o centimetros do ramo mais longo que temos enrolado na mão dermos mais uma volta a que se vê na figura mais carregada as duas extremidades ficarão sendo *b* e *a*. A pessoa indicada porá de novo o lapis em *d*, mas puxando-se pelas extremidades, a fita d'esta vez não ficará presa no lapis, porque o *seio* da espiral passará a ser em *e* e não em *d*. Com uma fita de 3 a 4 metros não é facil dar pelo *truc* que dá origem a abusos como aquelle a que nos referimos.

No estrangeiro

Concursos hippicos — O «grand prix» e o «grand criterium», de Ostende

A Sociedade das corridas de cavallos, de Ostende, commemorou este anno o seu vigesimo quinto anniversario, vinte e cinco annos de esforços e de trabalhos para augmentar progressivamente os attractivos das suas brilhantes festas *sportivas* afim de chamar a concorrencia do elemento estrangeiro e movimentar aquella encantadora estancia balnear. Preciso é confessar que esses esforços teem sido coroados de extraordinario exito. As duas corridas d'este anno, que se realisaram ambas na primeira quinzena de julho, para não se effectuarem simultaneamente com as de Decauville, excederam muito em enthusiasmo e concorrencia as dos annos anteriores.

O hippodromo de Wellington é situado mesmo sobre a praia. As tribunas viram as costas para o mar,

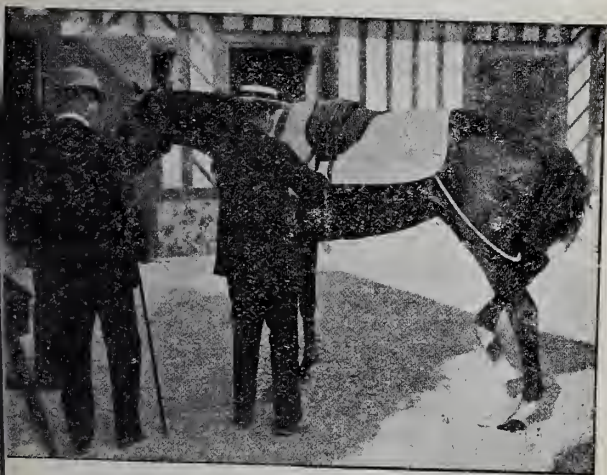
mas do alto do terraço que as domina, disfructa-se um panorama encantador, estendendo-se a vista ao longe para o mar, para o campo e para a cidade. Esta magnifica situação trouxe, porém, um inconveniente até certo ponto lamentavel. Não foi possivel dar ás pistas a extensão indispensavel aos grandes concursos internacionaes, iniciados em Ostende pela referida Sociedade das corridas, pois teem apenas 900 metros em linha recta.

Foi n'esta relativamente pequena extensão que na

«*Czarina*», vencedora do grande *criterium* de Ostende.

primeira quinzena de julho se disputaram o *grand prix* e o *grand criterium*, de Ostende.

O *grand prix*, de cem mil francos, foi ganho pelo cavallo inglez *Velocity* e o *grand criterium* por uma magnifica poldra belga, de nome *Czarina*.

O premio do presidente da republica

Em França despertou este anno excepcional interesse a disputa do premio do presidente da republica, em consequencia de assumir pela primeira vez um caracter internacional. Com effeito apresentou-se a disputar aquelle premio um magnifico cavallo in-

«*Querido*», vencedor do premio do Presidente da Republica.

glez de nome *Beppo*, de quatro annos, com larga folha de honrosos precedentes, e, portanto, com legitimas pretensões á victoria. A sorte, porém, não o favoreceu, pois na ultima volta teve de desistir, porque começou a coxear.

Ganhou o cavallo *Querido*, o primeiro cavallo de 4 annos que ganha este premio. Os que nos annos anteriores ficaram victoriosos contavam apenas tres annos.

No mesmo domingo, 21 de julho, disputaram-se ainda os premios Presto II e Fitz Roya, o primeiro ganho pelo potro Gourbi, por cinco comprimentos, e o segundo pelo potro Bab Azoum, por quatro comprimentos, ambos pertencentes a Edmundo Blanc, que concorrera ao *grand criterium*, de Ostende, com o segundo d'estes potros, o qual foi alli vencido por ter partido mal.

Todavia, nas duas corridas mencionadas, tanto um como outro, alcançaram uma victoria retumbante, pois, desde o principio até ao fim da prova, conservaram sempre a deanteira.

As regatas no Loire

As associações navaes do sul da Bretanha formaram uma especie de liga que lhes permitte marcar em perfeito accordo as regatas promovidas por cada uma d'ellas em epochas differentes, de modo a poderem concorrer todas as outras, e que favoreceu a creação de varias *taças*, algumas de alto valor intrinseco, que são valentemente disputadas. Entre estas,

distinguem-se as duas *taças* da Bretanha, a *grande taça* para *yachts*, de 2,5 a 5 toneladas de deslocamento e a *pequena taça* para *yachts* de tonelagem inferior. Em virtude do accordo existente entre as associações, foi organisada uma escala pela qual fica successivamente cada uma das sociedades reunidas incumbida de organisar as provas para a disputa annual de cada uma das taças referidas.

Este anno coube á associação intitulada Sport Nautique de l'Ouest organisar a regata da *pequena taça*, para a qual se inscreveram varios concorrentes.

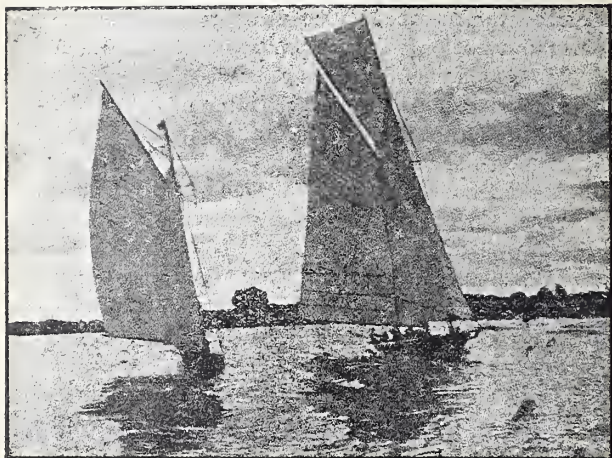
A primeira prova não offereceu interesse algum por causa da calma que reinou durante o tempo em que se effectuou.

Apenas um *yacht*, o *Feufollet*, conseguiu chegar á boia antes da maré, gastando todavia 4 horas no percurso de 8 milhas. Os outros tiveram que desistir e recolheram a reboque.

A segunda prova, porém, foi favorecida com um vento magnifico, e o *yacht Iris*, de Vannes, conseguiu vencer por 2 minutos o seu terrivel concorrente *Feufollet*.

A terceira prova foi só entre dois, segundo o regulamento. Tendo o vento refrescado muito, o *Iris* foi obrigado a metter de capa, emquanto que o *Feufollet*, com a vela risada, seguiu o seu caminho, vencendo o seu rival.

Este mesmo *Feufollet* alcançou no domingo seguinte uma brilhante victoria, na primeira série das grandes regatas do *Loire*, sobre 8 *yachts*, todos de uma tonelada.

Na segunda série foi o *yacht Yvonne* que venceu, com uma certa facilidade. O *Gangin* e o *Yannie* foram classificados respectivamente em segundo e terceiro logares.

Regatas do «*Loire*». Os yachts *Mie* de 5 toneladas e *Yvonne* de 2 1/2.

Na terceira série, *yachts* de 2,5 a 5 toneladas, o antigo *yacht* inglez *Mie* venceu com extrema facilidade o seu competidor *Ariel*. E' preciso porém dizer que essa victoria nada teve de extraordinario, visto que o *Ariel* é mais um *yacht* de cruzeiro que de regata.

As regatas no Loire continuam.

A *grande taça* da Bretanha foi disputada em Porto

Navalo entre *yachts* de 2,5 a 5 toneladas. Na primeira prova venceu o *Yvonne*, na segunda e terceira o *Avel-Mor* que, porisso, foi proclamado vencedor da *grande taça*.

Sport nacional

Pouco ha a dizer dos ultimos quinze dias. Em nenhum dos ramos do *sport* houve no nosso paiz qualquèr prova interessante se exceptuarmos a

Regata no rio Douro

Correu muito animada, disputando-se os premios com grande enthusiasmo. Promovida pelo Club Fluvial Portuense, realisou-se em magnificas condições.

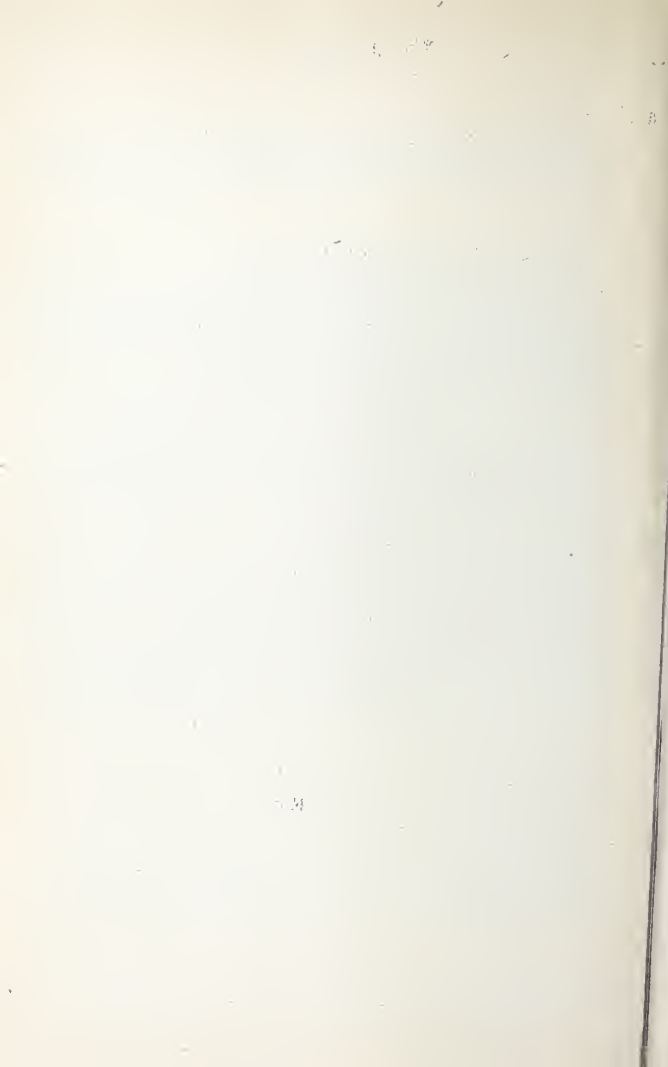
Tiro civil

No domingo, 4 do corrente, realisou-se a costumada sessão de tirò sobre alvos a diversas distancias. Foi bastante concorrida e inscreveram-se novos atiradores.

Cyclismo

Realisaram-se, no domingo 4, as provas de 50 kilometros da União Velocipedica Portugueza, da Azambuja ao Campo Grande. O vencedor effectuou o percurso em 1 hora e 45 minutos.

No mesmo dia realisou-se o passeio official do Grupo Sportivo do Atheneu Commercial a Montachique, partindo os excursionistas em 27 bicycletas.

---

d'Attaway um servo honrado que o poderia substituir nos trabalhos da caça. Depois poz-se a caminho para Londres, aonde esperava obter, com a protecção do conde de Southampton, o indulto que facultaria ao velho puritano, o deixar o seu retiro silvestre, e esta ultima consideração concorrêu poderosamente para alliviar a sua consciencia.

Mas antes de se apresentar no palacio de Henrique de Southampton, desejava elle ter a sua sorte definida, para que o joven fidalgo não tivesse mais nada que lhe offerecer senão um acolhimento benevolo.

A carreira das armas era a unica que elle poderia abraçar, visto que ignorava tudo. Tencionava pois, mal chegasse a Londres, ir-se ter com o capitão apellidado Howard, que conhecera n'outro tempo seu pae, e estava então de guarnição na capital, para alcançar d'elle assentar praça na companhia que commandava.

O viajante chegou ás muralhas da grande cidade pela alta noite. Era-lhe impossivel distinguir as ruas no meio das quaes se encontrava; o que de certo modo lhe era indifferente, pois não tendo jámais ahi ido, não havia para que escolher caminho e não podia contar senão com o acaso para chegar ao quartel general dos arcabuzeiros, onde desejava ir. Comtudo a nevoa gelada que caia instigava-o vivamente a desejar encontrar uma pousada para o resto da noite. Não havia modo de dormir á luz das estrellas, por que nem uma luzia no firmamento.

Entre todas as casas cujas frontarias mostravam uma escuridão completa, viu afinal bruxeliar uma

Viu afinal bruxeliar uma pequena luz.

pequena luz por dentro d'uns grossos vidros encaixilhados em chumbo.

Já se dispunha a bater á porta d'esta casa, quando cinco ou seis individuos, rindo e cantando com grande alarido, sairam de dentro da escada, e deixaram a porta aberta.

A sua alegria tinha bem visivelmente um resaibo de vinho, de modo que William pouco se importou

para onde elles iriam; deixou-os passar e subiu ao andar em que vira a luz.

Assim que lá chegou, o interior da casa alumiada patenteou-se-lhe pela abertura de um postigo meio erguido.

Uma rapariga ou antes um amorinho róseo, encaracolado, risonho, bulebule, como aquelles que tomam azas e carcaz sob o devino pincel de Corregio, estava no meio d'esta camara, diante de um lindo espelho a rir com todas as veras do coração.

É facil de perceber a hilaridade que causava a esta bella creatura a vista do seu todo, observando o vestuario que a ataviava por cima de um simples roupão branco: tinha um manto de pagem cavalheiramente lançado sobre os hombros: um chapéo de homem, com grande penacho lhe descahia sobre a orelha direita: uma longa espada lhe pendia da fita da cintura; e sobre a face fresca e aveludada que o chapeu derrubado para o outro lado deixava ver, descobriam-se os signaes vermelhos e humidos que lhe haviam impresso labios molhados em vinho.

Porém esta grutesca e trivial mascarada, attenuada pelos encantos de tão linda creatura, nada tinha verdadeiramente senão de agradavel e epigrammatico.

Em volta d'ella tudo offerecia o mesmo singular conjuncto Dir-se-hia que a folia presidira ao desarranjo do seu aposento assim como do seu vestuario.

Grinaldas de flores artificiaes, armas de papel dourado e fatos exquesitos estavam suspensos no tecto, e coxins de velludo, frascos vasios e serpentinas apagadas juncavam o chão.

Viam-se tambem instrumentos musicaes, mascaras, cachimbos, amph ras em monte por cima dos moveis desarrumados, como se houvessem sido barulhados por um tremor de terra.

A rapariga volveu a cabeça, e, distinguindo um desconhecido entre portas, soltou um ligeiro grito de espanto, e perguntou o que queria.

— Solicitar da sua bondade alguns instantes de abrigo contra o rigor da noite e da nevoa.

— Não tem hospedarias na cidade?

— Chego n'este mesmo momento, e queria dirigir-me ao quartel geral dos arcabuzeiros.

— É para isso que entra em minha casa?

— É enganar-me muito no caminho, conheço, mas a estas horas todas as casas estão escuras e fechadas e a sua é a unica que se vê alumiada. Foi a luz que me attrahiu.

— Percebo: os meus camaradas deixaram naturalmente a porta aberta, quando sairam, e o senhor subiu.

— Muito indiscretamente, confesso o, mas é que eu não tinha por onde escolher.

A dona da casa havia tido tempo para examinar ligeiramente o estranho, e tinha feito da sua mocidade, da sua cara agradavel, e do seu todo de distincção, tudo reunido, um total em extremo vantajoso para William.

— Vamos, respondeu ella, não hão-de dizer que se recusou jámais a hospitalidade *na morada da comediante,* como chamam á minha casa. Quando tiver bebido um pouco de vinho quente, e houver

N'esta occasião deu uma nova gargalhada

repousado algum tempo, eu o avisarei para se retirar.

Depois, puxou um escabelo para o canto da chaminé, disse a William que se assentasse entre uma banquinha e o fogão: feito isto, tratou de arranjar para o viajante uma fatia torrada immersa em vinho das Canarias, o que era tido pelo mais selecto confortativo contra a humidade da noite.

— Felizmente, acrescentou ella, os meus cama-

radas deixaram-me ainda uma garrafa cheia: estavam em tal estado que nem a viram.

N'esta occasião deu uma nova gargalhada, porquê vira outra vez no espelho a burlesca figura em que estava.

— Foi Johnson que me ataviou d'este modo, disse ella, e o velhaco, quando me abraçou, deixou-me a face suja de vinho.

Limpou a cara, deitou ao chão o chapéu e o manto de pagem, tudo que ella tinha de masculino no seu vestuario, e não lhe restando senão as saias brancas, veiu toda encolhida assentar-se junto do fogão para servir a pequena ceia ao seu hospede.

— Esse Johnson, perguntou William, é de certo o seu amante.

— Qual! Nada; respondeu ella com um suspiro: não tenho amantes.

— Não ha-de ser por falta de gente que a ame.

— Não conto n'esse numero aquelles que m'o dizem e de quem nem me lembra.

— Mas é indispensavel amar um, para ter o direito de esquecer os outros.

Ella estava sentada n'um coxim quasi aos pés de William, e repartia os seus cuidados entre o manjar que puzera sobre o fogo e o importante objecto das suas reflexões.

— Amar!... eis o difficil, pensava ella. Diz-se que o amor vem sem o pensarmos, e eu, que tanto penso n'elle, nunca o vejo. Fallo todas as noites no theatro das minhas ternuras, dos meus ardores, e nem uma faisca sinto no peito. O amor

é como as minhas corôas de rainha, que ponho em varios dramas, sem que nunca me venham a pertencer.

— Pobre rapariga!

— É por isso que me acham muito má nos papeis sentimentaes. Eu acredito: não posso dizer esses papeis *de cór*. Riu ou choro, sem saber o que peço ou lamento. O publico supporta-me, porque sou bonita, segundo dizem, mas os conhecedores não fazem nenhum caso de mim.

Ao ouvir estes ingenuos desabafos, William olhou-a rindo, mas compadecido.

— E hade ver, que não sou nem fria, nem insensivel, pelo contrario, tenho bom coração. Meus camaradas sabem-no bem. Quando teem percisão de soccorros ou conforto, é a *sua boa Ariella* que encontram sempre. Amisade e compaixão quanta elles queiram; agora amor, boas noites, nada de novo.

O vinho estava já quente; e, depois de competentemente aromatisado, pol-o diante do hospede, e ajuntou-lhe alguns substanciosos pasteis, tornando em seguida para o seu logar.

— Mas fidalgos poderosos hão-de por força offerecer-lhe as suas homenagens, disse William.

— Sim, por exemplo, o barão Clarisson suspira de amor por mim ha mais de dois annos.

— O barão Clarisson! acudiu o mancebo admirado.

— Sim o barão Clarisson. Assiste a todas as récitas em que eu represento; persegue-me com os

seus recados e presentes... Mas porque ficou o senhor immovel e dobrado sobre essa taça de punch! Parece-me que lhe não deve servir, como uma fonte limpida, para rever n'ella a sua imagem.

— Então lord Clarisson ama-a, insistiu William com um ar de triumpho.

Elle exultava de pensar que o barão era infiel á sua illustre noiva. Parecia-lhe que tomava uma grande vingança de Izabel, por a ver esquecida assim pela pobre comediante, filha do povo como elle.

— O seu palacio é ali, continuou Ariella; ali ao lado, separado unicamente da minha casa por um claustro meio caido, que foi n'outros tempos do convento dos Cartuxos. Leva todo o dia do alto da sua varanda a olhar para as janellas da obscura comediante. Não tira de cá os olhos, e não faz senão suspirar e lamentar o seu martyrio. Faz realmente dó ver como elle... engorda.

— E da sua parte não ha outra retribuição, senão essa compaixão escarnecedora? interrogou William, com alegria progressiva.

— Só... e comtudo o seu amor merecia talvez melhor correspondencia, porque me dizem que elle está para esposar uma nobre donzella, afilhada da rainha Izabel, e que, em consequencia da sua louca paixão por mim, não se tem decidido a effectuar o casamento... Mas então!.. agora fica como uma estatua de marmore, com o folhado na mão!... Está a contar as horas que estão

a dar? É meia-noite, a hora de Satanaz e das obras malditas. Deixe-a passar sem lhe dizer nada, aliás póde-se voltar o seu máu influxo sobre o senhor.

— A hora da meia-noite tomou um corpo e uma cara, respondeu William, em quem esta reflexão de Ariella accordou lembranças dois dois annos passados na floresta. Para reinar no gyro dos tempos em vez de só exercer o seu imperio n'alguns minutos, deu o seu nome e espirito a um ser digno de prehencher as suas obras.

— É singular isso, retrocou a comediante, por que meia-noite é tambem o nome de um estribeiro de lord Clarisson, de quem elle se serve ás vezes para me enviar as suas mensagens.

William não deu attenção ás ultimas palavras de Ariella, porque, sem poder explicar a si mesmo este sentimento, exultava no intimo de alma, pensando que miss Southampton, a irmã do seu querido Henrique, não seria mulher d'este pansudo barão, a quem tinha tão concentrado rancor.

— Porque vejo, disse elle, voltando ao assumpto que tão agradavel lhe era, o senhor Clarisson vae deixar uma nobre e bella dama, que acceitou a sua mão, que talvez o ambicionasse, e isto tudo por sua causa, minha linda desdenhosa que assim o repelle?

— Eu não tenho a culpa. Antes o queria amar, a elle ou a outro qualquer, para conhecer por experiencia propria essas ditosas magoas do amor

de que se falla tanto, e representar em fim esse papel com verdade.

— Não desespere por ora, replicou William a rir; as mesmas estatuas já se animaram com o olhar de um artista. Para descer sobre a sua cabeça o fogo sagrado, não importa senão achar aquelle que lh'o deve transmittir. Quem sabe se serei eu?!

Por um movimento machinal, Ariella pegou no candieiro que estava em cima da meza e avisinhou se do mancebo, que não tinha ainda observado bem. Os dois desataram a rir d'esta simpleza. Depois Ariella accrescentou suspirando:

— Ah! desejal-o-hia de todo o meu coração, mas não é de crer... Vamos a saber: o que vae o senhor agora fazer? A garrafa está vasia, o fogão apagou-se, mas a noite está cada vez mais negra, e a chuva cae a cantaros. Não é occasião de o despedir. O melhor é ir-se deitar na cama dos doentes.

— Dos doentes! mas eu estou de perfeita saude.

— Chamo assim a uma cama que tenho para os companheiros do theatro, quando lhes succede algum desastre. Por exemplo: um zephyro cae das bambolinas, um guerreiro invencivel apanha uma pancada n'uma ripa, um heroe escorrega e quebra a cabeça a valer no momento de ir suicidar-se; todos estes pobres diabos são immediatamente trazidos á *morada da comediante.*

Alguns tem-se dado bem com os cuidados que

tenho tido com elles, outros voltam depressa pelo mesmo caminho.

— Então seja assim, respondeu William com reconhecimento. O leito junto do qual vela uma tão encantadora enfermeira, curar-me-ha das feridas passadas, e de todas que ainda me possam sobrevir.

VIII

Pobre e alegre jantar

A hospedeira de William guiou-o a um quarto muito asseiado e ainda melhor guarnecido que o seu.

Este deitou-se e passou uma excelente noite em que não perdeu o tempo em dormir que póde ser melhor empregado em agradaveis pensamentos. O prazer de achar-se em Londres, de saber que os primeiros raios do dia lhe mostrariam as grimpas de Westminster, o famoso edificio da Torre, e o palacio de Saint-James, bastava para o entreter accordado, quando não pensasse ainda na felicidade de estar perto de Henrique, que residia a alguns passos de distancia d'ali, e mais perto ainda de uma encantadora creatura cujo encontro, para quem chegava com elle á cidade, não podia ser senão de favoravel agouro.

Na manhã seguinte sahiu cedo do seu quarto e encontrou logo Ariella que acabava de levantar-se fresca, serena, risonha que era um gosto vêl-a.

Agradeceu-lhe com as melhores palavras o re-

pouso que lhe tinha proporcionado, e perguntou qual o caminho para ir á cidade, onde era o quartel geral do capitão Howard.

— O sr. vae mas é sentar-se n'esta grande poltrona.

— O quê! para ir á cidade? Não me parece o mais proprio, no emtanto obedeço.

— Agora, ajuntou ella com o seu gracioso movimento de cabeça, vae ouvir-me, e olhar para mim.

— Isso não é difficil.

— Hontem quando reparei melhor no senhor, achei-lhe um ar intelligente.

— Pareceu-lhe?

— Vou pois, repetir o meu papel diante do senhor: ha de me dar a deixa, e ha de me reprehender todas as vezes que lhe pareça que qualquer inflexão é falsa ou sem effeito.

Shakspère estava com a sua gente; ouvia pairar no ar a sublime musica dos versos, e estes eram dos primeiros poetas do tempo, e exhalavamse de uma bocca encantadora. Ariella dizia o seu papel com a voz mais melodiosa; comtudo aquillo não era ainda senão um recitativo frio e monotono.

Pegou-lhe na mão para a dirigir nos movimentos da declamação; seus olhares prendiam-se uns aos outros.

De subito a recitação da joven actriz animouse, e tomou aquella vibração poderosa que parece o som extraido das fibras do coração. O calor da alma veiu expandir-se nos versos que ella pro-